



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

CANAL 3DOIS1:
UM EXPERIMENTO DE COBERTURA
JORNALÍSTICA PELO APLICATIVO PERISCOPE

RUDÁ MOREIRA DE LIMA E SILVA

ORIENTADOR: CARLOS HENRIQUE NOVIS

MEMORIAL DE PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

BRASÍLIA – DF

DEZEMBRO DE 2015

RUDÁ MOREIRA DE LIMA E SILVA

CANAL 3DOIS1:
UM EXPERIMENTO DE COBERTURA JORNALÍSTICA
PELO APLICATIVO PERISCOPE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Carlos Henrique Novis _____

Convidada: Thaís de Mendonça Jorge _____

Convidada: Mariana Capelo _____

Suplente: Márcia Marques _____

ALUNO APROVADO COM A NOTA: _____

BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2015.

*As consequências sociais e pessoais de qualquer meio
– ou seja, de qualquer uma das extensões de nós
mesmos – constituem o resultado do novo estalão
introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia
ou extensão de nós mesmos.*

Marshall McLuhan

Agradecimentos

A Deus, à Terra, ao Sol e à Lua, e a todas as forças superiores que me conduziram e me abençoaram neste caminho até a minha formação superior.

À minha mãe, Susana, que desde pequeno me incentivou a ser jornalista e me apresentou ao mundo acadêmico. Obrigado pelo carinho e pela ajuda nesta fase.

Ao meu pai, Eduardo, que sempre foi um exemplo de profissionalismo e de caráter para mim. Obrigado por cuidar para que nunca faltasse nada em minha vida.

A todos os meus familiares que, de longe ou de perto, sempre me apoiaram.

À Natasha, companheira que a vida me presenteou nestes anos finais do curso. Obrigado por todas as alegrias compartilhadas, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha chefe, Rose Nascimento, não só pela paciência e compreensão de sempre, mas por ser a principal incentivadora deste projeto. Obrigado por toda orientação e aconselhamento ao longo do semestre.

Ao meu orientador, Carlos Henrique Novis, por me empurrar, desde que entrei na universidade, atrás dos meus sonhos. Obrigado pelo encaminhamento final nesta fase tão importante da minha vida profissional.

Aos meus grandes amigos, Pedro Sousa e Pedro Guimarães, pela força e apoio. À Tainá Andrade, irmã que a faculdade me apresentou e que a vida vai levar. À minha amiga Brunna Luiza, por sempre me motivar a seguir em frente.

A todos os colegas de faculdade, de agora ou de antes, pela parceria e amizade.

Ao Rogério, à toda a equipe da secretaria e aos demais servidores da Faculdade de Comunicação que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste curso.

Ao José Carlos Vieira, do Correio Braziliense, e à Mishelly Coelho, do Fato Online, pelas importantes contribuições para a pesquisa.

Ao jornalista Michael Wolff, pela entrevista e pelas sugestões concedidas, de extrema ajuda para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

Resumo.....	8
1. Introdução.....	9
1.1 A cobertura dos atentados em Paris.....	9
1.2 A era da convergência.....	12
1.3 Um link na palma da mão.....	12
2. Problema de Pesquisa.....	15
3. Justificativa.....	16
3.1 Relevância do Tema.....	16
3.2 O telejornalismo e o smartphone.....	18
4. Objetivos.....	22
5. Referencial Teórico.....	24
5.1 Convergência Digital.....	24
5.2 Mídia Propagável.....	26
5.3 Webtelejornalismo.....	26
5.4 Smartphones	27
6. Metodologia.....	29
6.1 Pesquisa.....	29
6.1.1 Sobre o Periscope.....	29
6.1.2 O Periscope como mídia.....	32
6.1.3 O portal Fato Online.....	34
6.1.4 O Periscope e as mídias tradicionais.....	36
6.1.5 O Periscope e as assessorias de imprensa.....	38

6.1.6	O Periscope no Jornal Nacional.....	40
6.2	Desenvolvimento.....	41
6.2.1	Aspectos técnico-operacionais.....	42
6.2.1.1	Equipamentos.....	42
6.2.1.2	Captação de áudio e vídeo.....	43
6.2.1.3	Armazenamento.....	44
6.2.2	Definição de formatos.....	45
6.2.2.1	Íntegras.....	45
6.2.2.2	Entrevistas.....	46
6.2.2.3	Matéria em plano-sequência.....	47
6.2.3	Linguagem e estética.....	47
6.2.3.1	Apresentação.....	48
6.2.3.2	Compartilhamento.....	48
6.2.3.3	Imagem.....	49
6.2.4	Canal 3dois1.....	50
6.2.4.1	Criação.....	50
6.2.4.2	Redes Sociais.....	51
6.2.4.3	Definição de Pautas.....	52
6.3	Execução.....	53
6.3.1	Primeira cobertura.....	53
6.3.2	Segunda cobertura.....	55
6.3.3	Terceira cobertura.....	58
6.3.4	Análise e avaliação.....	61

7.	Conclusões.....	64
8.	Refêrências Bibliográficas.....	66

Resumo

Esta memória traz uma análise de como os *smartphones* vêm ganhando cada vez mais espaço nos últimos anos como meio de acesso à informação. Também mostra como este espaço está sendo preenchido por novas plataformas de produção e compartilhamento de conteúdo, especialmente relacionados às redes sociais. Neste cenário, foi proposta uma experiência de cobertura jornalística factual em Brasília a partir de uma nova linguagem, com um aplicativo que possibilita *streaming* de vídeo em tempo real através de um celular conectado à internet: o Periscope.

Para embasar esse projeto experimental e traçar uma radiografia do atual mercado midiático digital no Brasil e no mundo, foram analisadas experiências com a apropriação dos recursos tecnológicos oferecidos pelos *smartphones* para a produção de conteúdo jornalístico – incluindo experimentos com o próprio Periscope. Foi observada uma tendência recente ao crescimento no interesse por este tipo de produto, tanto por parte do público consumidor, quanto por parte das empresas de comunicação.

Palavras-chave: convergência digital; redes sociais; Periscope; *smartphone*; *webtelejornalismo*; repórter multimídia.

1. Introdução

1.1 A cobertura dos atentados em Paris

Numa sexta-feira, dia 13 de novembro de 2015, o mundo inteiro acompanhou o que foi considerado por grande parte da imprensa “o pior massacre terrorista da história da França”. A combinação da explosão de bombas e dos ataques a tiros em diferentes pontos de alta concentração de pessoas em Paris deixou 129 mortos e mais de 200 feridos (EL PAÍS, 20 nov. 2015). Em meio a tanto terror, a internet foi um meio decisivo na cobertura, tanto por parte da imprensa, quanto por parte de cidadãos comuns. No microblog Twitter – uma rede social para publicação de textos com até 140 caracteres (SILVA, 2010) – o termo “Paris” rapidamente se tornou o principal assunto discutido naquele momento, ou *trending topic*.

Logo após as primeiras explosões e barulhos de tiros ecoarem pela noite – e bem antes de circularem as primeiras imagens feitas pela imprensa internacional –, o radialista francês Remy Buisine iniciou, com seu aparelho celular, uma transmissão ao vivo por meio do seu perfil pessoal no Periscope – aplicativo para *smartphones* do Twitter que possibilita a realização transmissões de vídeo em tempo real via *streaming*. Através das imagens, Buisine mostrou, da Praça da República, em Paris, as sirenes dos carros que chegavam, a correria das pessoas na rua e denotou, com sua voz, o desespero que tomava conta de quem não tinha ideia ainda da proporção do acontecimento que estava vivenciando (BUIISINE, 13 nov. 2015).

A transmissão de Buisine durou cerca de 40 minutos. O tempo todo, o radialista falou em francês. Mesmo assim, espectadores do mundo inteiro se conectaram pela rede ao que estava sendo transmitido pelo celular de Remy, na França. No total, 139.923 pessoas acompanharam pelo menos alguma parte da transmissão em tempo real. A audiência se manteve acima dos 30 mil espectadores a maior parte do tempo, que perguntavam o que estava acontecendo pelos comentários. Remy contou o que ele via ou tinha ficado sabendo ali no local e outros espectadores postaram comentários com mais informações que estavam saindo na mídia. Alguns também demonstraram preocupação com a segurança do transmissor do vídeo, recomendando que ele ficasse abaixado ou procurasse um local mais seguro para filmar, pois o que se ouvia pelo áudio da transmissão ainda eram ruídos de tiros, explosões ou sirenes.

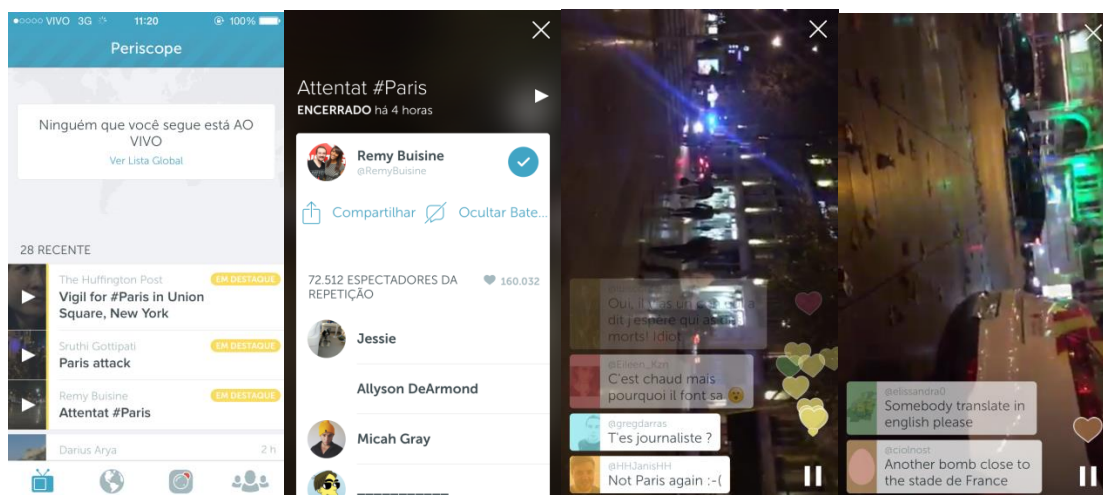


Figura 1: Capturas de tela do Periscope no dia 14 de novembro: página inicial do aplicativo com a transmissão de Remy Buisine em destaque, a capa do replay e dois trechos da transmissão.

O próprio Periscope compartilhou o vídeo de Remy Buisine pelas redes sociais e promoveu o replay na página inicial de todos os usuários do aplicativo nas 24 horas seguintes à transmissão. Durante a noite da tragédia e ao longo do fim de semana seguinte, outras transmissões individuais – em diferentes locais de Paris – também foram destacadas na página inicial do Periscope, além de coberturas do perfil do jornal *The Huffington Post*.

As transmissões pelo aplicativo foram mais uma das várias formas com que o *smartphone* contribuiu para a cobertura da imprensa tradicional para a formação do pensamento coletivo sobre o atentado terrorista. Conforme o tempo foi avançando, cada vez mais os noticiários apresentavam vídeos caseiros de corpos e dos momentos de terror vividos, feitos com os aparelhos das pessoas que estavam nos locais dos atentados – sobretudo os telejornais.



Figura 2: Frame de vídeo do *Jornal das Dez*, da *GloboNews*, no dia 13 de novembro de 2015.

Na cobertura da *GloboNews*, o destaque foi uma repórter que passava férias em Paris. Ela assistia ao jogo de futebol entre as seleções da França e da Alemanha no *Stade de France* quando ocorreram as primeiras explosões (FÉLIX, 14 nov. 2015). Carolina Cimenti fez vídeos do estádio com o próprio celular e entrou ao vivo ao longo da programação com enquadramento no formato *selfie* – filmou a si mesma com a câmera frontal do aparelho e utilizou os fones de ouvido e o microfone embutido para se comunicar com o estúdio no Brasil. Os aparelhos celulares também apareceram recorrentemente durante a cobertura pela televisão nas mãos dos repórteres, auxiliando com o texto.

Da mesma forma, os sites, jornais, e telejornais noticiaram postagens de pessoas em meio aos atentados ou de personalidades repercutindo os ataques nas redes sociais. Em um post na sua página do Facebook, Benjamin Cazenoves escreveu, pelo celular, uma mensagem pedindo socorro, dizendo que estava dentro da casa de shows Bataclan. “Eles estão matando um a um. E vão matar todos”, dizia, em francês, a postagem, que obteve mais de 20 mil compartilhamentos (CAZENOVES, 20 nov. 2015). A presidente Dilma Rousseff se pronunciou sobre os atentados terroristas apenas pelo Facebook (ROUSSEFF, 13 nov. 2015). Nenhuma outra comunicação oficial foi utilizada pela presidência da República para prestar a solidariedade e a consternação do governo até o dia seguinte aos ataques.

A utilização das redes sociais em torno do evento trágico foi tão intensa, que o próprio Facebook estimulou seus usuários a colocarem a bandeira da França na foto de perfil para demonstrar solidariedade às vítimas (ESTADO DE MINAS, 15 nov. 2015). A rede social ainda disponibilizou o serviço de *Safety Check* (“checagem de segurança”, em inglês) – que permite a quem está próximo à região dos atentados avisar aos seus familiares e amigos que está bem, através de um clique (UOL, 13 nov. 2015).

Episódios como esse em Paris nos mostram a forma como a informação circula hoje, seguindo uma lógica diferente da que experimentávamos antigamente. A comunicação há muito não segue mais uma via de mão única, em que o emissor é somente ativo e o receptor, apenas passivo. As duas funções se aproximaram ao longo do tempo e hoje, muitas vezes, se confundem. Mesclam-se na formação da notícia e na sua propagação. Essa tendência já vem sendo evidenciada há algum tempo e promete

estar cada vez mais inserida na nova lógica mundial: a da convergência midiática digital.

1.2 A era da convergência

Este projeto partiu do interesse em testar um novo tipo de cobertura jornalística para um novo tempo: o da convergência midiática digital. Em um momento em que as redes sociais dominam a internet, e esta já desponta como terceira principal mídia utilizada pelos brasileiros, o jornalismo tradicional vem perdendo espaço para as novidades possibilitadas pelas novas plataformas. A Pesquisa Brasileira de Mídia mostra que os acessos à internet já são feitos a partir de aparelhos celulares na mesma proporção que os acessos por computadores ou notebooks (SECOM, 2014, p. 61).

Seguindo essa nova lógica, alguns veículos da chamada mídia tradicional já começaram a se reinventar, a partir do que está sendo produzido, modificado ou compartilhado pelo seu público, antes somente passivo. A teoria de como este mercado da cultura participativa está se configurando é apresentada pelo professor de jornalismo Henry Jenkins, fundador e diretor do Programa de Estudos de Mídia Comparada do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), no livro *Cultura da Convergência* (2009) e aprofundada no livro *Cultura da Conexão* (2014).

(...) este atual momento de convergência midiática é aquele em que há múltiplos sistemas de mídia (às vezes competindo, às vezes complementando), cujas intersecções fornecem a infraestrutura para a comunicação contemporânea. (JENKINS, 2014, p. 67)

Um dos protagonistas deste momento de convergência digital é o *smartphone*. Jenkins definiu o telefone celular de hoje em dia como “o equivalente eletrônico do canivete suíço” (JENKINS, 2009, p. 31), devido às múltiplas funções que o aparelho assumiu, além de realizar ligações telefônicas – câmera fotográfica, filmadora, aparelho de música, *videogame* e, principalmente, plataforma de acesso à internet.

1.3 Um link na palma da mão

A junção dessas múltiplas funções em um só aparelho possibilitou a criação de novas funções, inseridas em um contexto de convergência. Uma delas é a função de transmissor de vídeo em tempo real via *streaming* pela conexão móvel do celular, possibilitado por alguns aplicativos – o equivalente a um conjunto composto por câmera

filmadora, microfone, antena de geração de radiodifusão, todos os cabamentos e a equipe humana de uma emissora de televisão para realizar um link.

Um desses novos recursos que permitem as transmissões ao vivo por *smartphones* é o Periscope. Visto que o apelo dessas transmissões é a possibilidade tecnológica de se “teletransportar” para outro lugar do mundo, assistindo a algum acontecimento do ponto de vista de outra pessoa, o aplicativo rapidamente ficou difundido entre personalidades mais atuantes e com certo prestígio nas redes sociais, como jornalistas, blogueiros e políticos. Também se difundiram na rede social de *streaming* de vídeo personalidades ligadas ao entretenimento ou à religião – porém estes não entram no campo de estudo proposto neste projeto experimental em jornalismo.

Um estudo presente na parte metodológica deste trabalho mostra formatos de transmissão que foram experimentados de forma profissional, a partir do acompanhamento diário dos respectivos perfis pelo aplicativo do Periscope. O período analisado compreende os meses de agosto, setembro, outubro e novembro do ano de 2015.

O Periscope já está sendo amplamente utilizado por veículos da mídia comercial (sites, jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão) e das mais variadas formas (coberturas ao vivo, debates entre repórteres, entrevistas, bastidores de redações ou estúdios). Neste âmbito, quem se destacou na pesquisa feita para este trabalho foi o portal de notícias *Fato On-line*, um veículo recente (lançado em 2015) e que possui o aplicativo de transmissões ao vivo como parte integrante do seu processo de produção de conteúdos para redes sociais. “A intenção, com o Periscope, é tele transportar o leitor para o local da notícia, para que, com isso, ele possa enxergar o acontecimento com seus próprios olhos, em tempo real”, conta a jornalista Mishelly Coelho, responsável pelas coberturas, que recebem a hashtag #FatoAoVivo (COELHO, 2015).

O aplicativo ainda possibilitou a setores de comunicação públicos ou estatais a realização de transmissões ao vivo de eventos de interesse dos respectivos órgãos. Muitas vezes, atingindo uma audiência igual ou superior às transmissões da mídia privada. Um exemplo é a presidente da República, Dilma Rousseff, que tem o seu próprio canal, controlado pela assessoria de imprensa. Os políticos também estão se beneficiando dos recursos da nova plataforma, por meio da qual divulgam projetos ou eventos de seu interesse ou promovendo a própria imagem.

A partir da verificação dessa crescente e diversificada utilização do Periscope, o uso jornalístico desse aplicativo passou a ser o foco deste projeto experimental. Neste estudo, busca-se traçar uma perspectiva histórica curta e recente do mercado midiático, precedente ao surgimento do aplicativo; analisar a sua participação no momento atual da convergência midiática digital; e sugerir um método de produção de cobertura jornalística ao vivo, que sai da palma da mão do repórter diretamente para a palma da mão do seu espectador.

2. Problema de Pesquisa

Vivemos na era da convergência digital, onde “tudo parece estar mudando ao mesmo tempo” (JENKINS, 2009, p. 39). O acesso à internet está cada vez maior no Brasil. Isso, graças às conexões via celular, principalmente. Em 2015, o número de pessoas que acessam a rede mundial de computadores pelo telefone móvel já é praticamente o mesmo tanto que o fazem por computador ou notebook. E os números mostram qual é o principal interesse desses internautas: 92% utilizam a internet para acessar redes sociais (SECOM, 2014, p. 7).

Entretanto, o jornalismo oferecido na internet ainda é, em sua maioria, pensado em formatos e logísticas próprios dos meios tradicionais. Mesmo quando a finalidade é a veiculação na internet, a logística de produção não é muito diferente, principalmente para conteúdos em vídeo. As câmeras e equipamentos pesados, a necessidade de deslocamento físico de mídias, os processos demorados de edição, as várias pessoas envolvidas na produção de um mesmo produto, entre outros aspectos, aumentam o tempo entre o registro da notícia e a sua veiculação.

Para ganhar espaço e visibilidade em um meio em que a maioria dos usuários está acessando o conteúdo de qualquer lugar, geralmente por uma tela bem menor que a de uma televisão, será que a lógica produtiva tradicional é a mais eficaz?

Entendo que não. A produção de conteúdo jornalístico em vídeo para esse nicho consumidor vertiginosamente crescente – de internautas jovens, escolarizados, conectados às redes sociais, principalmente, pelo celular – deve ser feita de forma a garantir que a notícia chegue rapidamente às palmas das mãos dos usuários, em um formato que seja esteticamente compatível com as telas dos celulares e que facilite a interação e o compartilhamento social.

A partir dessa inquietação, a hipótese levantada foi utilizar um único *smartphone* para realizar todas as etapas, desde a produção até a publicação do conteúdo jornalístico nas redes sociais. Busquei, então, pesquisar o que estava sendo produzido de novo nas mídias sociais, conhecer as novidades tecnológicas e as ferramentas disponíveis para captação, edição e publicação de conteúdo via conexão móvel para experimentar, neste projeto final, um método para gerar conteúdo jornalístico voltado para mídias sociais inteiramente com um aparelho *smartphone*.

3. Justificativa

3.1 Relevância do Tema

A internet vem ganhando cada vez mais espaço nos últimos anos como meio de acesso a entretenimento, cultura e informação dos brasileiros, ficando atrás apenas da televisão e do rádio, como mostra a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015). O estudo foi encomendado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) para compreender como o brasileiro se informa. O levantamento foi realizado pelo Ibope e contou com 18.312 entrevistas com pessoas maiores de 16 anos, em 848 diferentes municípios brasileiros, e publicado ainda no ano de 2014.

Entre outras coisas, a PBM 2015 mostra que, apesar da televisão ainda ser o meio de comunicação predominante, a internet tem sido cada vez mais utilizada no Brasil:

Praticamente a metade dos brasileiros, 48%, usa internet. O percentual de pessoas que a utilizam todos os dias cresceu de 26% na PBM 2014 para 37% na PBM 2015. O hábito de uso da internet também é mais intenso do que o obtido anteriormente. Os usuários das novas mídias ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana – na PBM 2014, os números eram 3h39 e 3h43 -, valores superiores aos obtidos pela televisão. (SECOM, 2014, p. 7)

Também de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, 67% dos usuários estão na internet em busca de informações ou notícias, dos mais variados assuntos. Este valor chega a ser superior ao do rádio (63%), mas ainda é inferior ao da televisão (79%). A busca por entretenimento se dá na internet e na televisão na mesma proporção (67%).

O crescimento da internet como fonte de informação e entretenimento acontece principalmente entre os usuários mais jovens e os mais escolarizados. De acordo com a pesquisa encomendada pela Secom, 65% dos internautas brasileiros que têm entre 16 e 25 anos e 72% dos que possuem ensino superior se conectam à internet todos os dias, com uma intensidade diária de mais de cinco horas e meia de uso. Tanto de segunda a sexta, quanto nos fins de semana, a internet tem um pico de uso que começa por volta das 10h30, com uso constante e crescente, sempre acima dos 25% do total de usuários da internet, e se estende até cerca de 20h30, quando cerca de 40% dos internautas brasileiros costumam estar on-line.

Neste cenário, podemos verificar como fator primordial o aumento do uso dos *smartphones*. A Pesquisa Brasileira de Mídia mostra que o uso de aparelhos celulares

como forma de acesso à internet compete com o acesso por meio de computadores ou notebooks no Brasil, atualmente, e que este crescimento está se dando de forma rápida. Enquanto houve um recuo na proporção de acessos por computadores ou *tablets* dentre o total de acessos à internet, houve um crescimento significativo no acesso por meio de telefones celulares. Esse crescimento fica evidente na comparação dos percentuais de acesso à internet por cada plataforma observados da PBM 2014 (computador 84%; tablet 8%; celular 40%) com os dados da PBM 2015 (computador 71%; tablet 7%; celular 66%) (SECOM, 2014, p. 61).

De acordo com a PBM 2015, este aumento na utilização do aparelho celular como plataforma de acesso à internet deve-se ao fato de a maioria das pessoas utilizarem a internet para navegar por redes sociais. “O uso de redes sociais influencia esse resultado. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%).” (SECOM, 2014, p. 7)

Com um maior acesso de pessoas à internet e, conseqüentemente, às redes sociais, há uma tendência de os diferentes mercados – como o jornalístico, por exemplo – convergirem para essas novas mídias. Essa tendência tem sido evidenciada nos últimos anos com as redes sociais sendo cada vez mais utilizadas por canais de notícias. Esse crescimento se deve em grande parte às facilidades com que os veículos conseguem fazer seu conteúdo chegar até o consumidor por meio dessa mídia, que é gratuita e de ampla penetração social. Essa utilização das mídias sociais como plataforma de divulgação de portais de notícias tem se dado não só pela replicação do conteúdo produzido para as outras plataformas (on-line ou não), mas também para a publicação de conteúdo exclusivo, diretamente nas páginas das redes sociais, sem a necessidade de redirecionamento para outros sites.

Como visto, o Facebook é a principal rede social dos brasileiros e, muitas vezes, porta de entrada para outros conteúdos da rede, por ser utilizado por 83% dos usuários da internet. Jornais impressos já estão começando a publicar conteúdo noticioso diretamente no Facebook, inclusive com a venda de espaços publicitários. No primeiro semestre de 2015, a rede social passou a hospedar matérias do jornal americano *The New York Times* e de outros oito veículos parceiros diretamente no seu aplicativo de celular, sem a necessidade de redirecionamentos para outros sites para o acesso do

conteúdo jornalístico. Em setembro do mesmo ano, o *Washington Post* anunciou que também vai aderir ao projeto de “artigos instantâneos” do Facebook, porém este irá publicar todos os mais de 1.200 artigos diários que circulam no portal. É uma medida que parece mostrar o lado para o qual está indo o futuro do mercado midiático, onde o usuário não precisa nem mesmo sair da rede social para acessar o conteúdo informativo que deseja.

Já o microblog Twitter, foi mencionado por 5% dos entrevistados como uma das duas redes sociais que mais acessa. Porém, este assume um caráter mais opinativo, além de ser bastante utilizado por portais de notícias, inclusive como ferramenta de cobertura instantânea de eventos, há mais tempo que o Facebook, e ainda segue como sua principal característica.

A revolução digital e a convergência provocaram transformações profundas no mercado de mídia atual, onde novas e velhas empresas estão batalhando para conquistar seu espaço na indústria do entretenimento do futuro. “Cada vez mais, líderes da indústria midiática estão retornando à convergência como uma forma de encontrar sentido, em um momento de confusas transformações.” (JENKINS, 2009, p. 33)

Um exemplo recente disso foi o 27º Congresso Brasileiro de Radiodifusão, realizado em Brasília pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). No evento, que reuniu grandes personalidades, pensadores e empresários dos meios de comunicação, um dos principais temas em debate era justamente o papel que a internet e as novas plataformas digitais estão assumindo na comunicação, apontando a direção para a convergência das mídias.

Um dos palestrantes foi Andrew Jeffries, diretor do iHeart Media – uma plataforma que funciona como um conglomerado digital de várias rádios pelo mundo. Ele apresentou números da empresa que dirige, mostrando alcance superior ao das mídias tradicionais em vários nichos de público. Economicamente, a iHeart figura hoje como um dos principais faturamentos da indústria midiática nos Estados Unidos de acordo com Jeffries.

3.2 O telejornalismo e o *smartphone*

Mesmo assim, o maior destaque nas redes sociais ainda é para o fotojornalismo e para o jornalismo escrito, seja de jornais impressos reproduzidos na internet ou de

portais de notícias. Nos dias atuais, o conteúdo telejornalístico que é publicado pelos meios de comunicação brasileiros na internet ainda é, basicamente, o mesmo conteúdo que é veiculado na televisão e, portanto, pensado em um formato mais adequado para ser assistido pelo aparelho de televisão do que por *smartphones* e *tablets*. Entretanto, cada vez mais esses aparelhos tecnológicos têm ganhado espaço nas mãos dos internautas e nos olhos das empresas de mídia.

Prova disso é o aplicativo *Globo Play*, da *TV Globo*, lançado em novembro de 2015, que reúne todo o conteúdo – informativo, esportivo e de entretenimento – da emissora disponível via *streaming* para ser acessado por *smartphones* ou *tablets*. É possível rever qualquer episódio de novela, seriado ou programa da emissora, assim como qualquer edição dos principais telejornais (todos os de rede, e as edições locais do Rio de Janeiro e de São Paulo). Todo vídeo assistido pelo aplicativo tem disponível a função de compartilhamento pelo Facebook, Twitter ou outras mídias, mostrando uma preocupação em facilitar a entrada no aplicativo pelas redes sociais.

Experiências com a apropriação desses recursos tecnológicos oferecidos pelos *smartphones* para a produção de conteúdo audiovisual de caráter jornalístico têm se evidenciado desde 2013 no país, quando iniciaram-se as primeiras manifestações contra o governo. O grupo de mídia autointitulado NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) se destacou neste tipo de cobertura independente pelo YouTube e pelo Facebook (GUIMARÃES, 2013, pp. 7-8). Na internet, a cobertura dos protestos era feita com a compilação de conteúdos diversos produzidos por várias pessoas, ampliando os pontos de vista disponíveis e possibilitando a veiculação de imagens exclusivas e inusitadas, que partem da produção particular, são reproduzidas e/ou ganham repercussão através da internet e podem chegar até o noticiário tradicional da televisão. Da mesma forma, veículos tradicionais apropriaram-se de recursos como os *smartphones* para complementar as suas coberturas durante as manifestações de 2013 (D'ANDRÉA, 2013, pp. 4-5).

Outro exemplo dessa tendência foi durante a campanha eleitoral de 2014. Candidatos de diferentes partidos divulgaram vídeos através de redes sociais – incentivando o compartilhamento inclusive em aplicativos de mensagens instantâneas – no formato stand-up (com outra pessoa o filmando de frente) ou no formato *selfie* (utilizando a câmera frontal), fazendo pronunciamentos de cunho político, mostrando

eventos ao vivo ou eles mesmos entrevistando outras pessoas sobre algum assunto em discussão na pauta política. Esses vídeos não só acabaram “viralizando”, como repercutiam na mídia convencional.

Pouco a pouco, o celular foi ganhando o espaço das câmeras profissionais no telejornalismo brasileiro, dadas as devidas proporções, mas numa crescente constante e cada vez mais diversa de possibilidades. E as mudanças estão ocorrendo tanto na direção celular-televisão quanto na direção televisão-celular. Ou seja, da mesma forma que produtos tipicamente televisivos estão migrando para a linguagem dos *smartphones*, os aparelhos (e os conteúdos produzidos a partir deles) estão sendo incorporados em produtos televisivos tradicionais.

Em abril de 2015, o *Jornal Nacional* sofreu uma reformulação editorial e ganhou um formato mais dinâmico e interativo, assumindo uma linguagem mais informal e conversada (STYCER, 2015). Antes disso, em 2014, o principal telejornal brasileiro já havia inovado com a utilização do celular. O apresentador William Bonner passou a publicar nas redes sociais um pequeno vídeo, filmado no formato *selfie*, anunciando as principais matérias do dia e chamando o internauta para assistir ao jornal, enquanto caminhava pela redação (VIVAQUA, 2014).

Experiências similares começaram a ser feitas por outros veículos, como os telejornais locais *SBT Brasília* e *Jornal SBT Brasília*. Na página dos jornais no Facebook, os produtores postam, dos bastidores da redação, uma pequena chamada para os destaques da edição, geralmente filmados por outra pessoa, mas totalmente produzido com um aparelho *smartphone*. Em outras vezes, o repórter de alguma das matérias do dia grava, com o celular e diretamente do local da notícia, uma chamada para o jornal, exclusivamente para ser veiculada nas redes sociais, em um formato semelhante a um *teaser* que entra na programação da TV (SBT BRASÍLIA, 2015).

Até mesmo nas emissoras públicas e estatais a tendência à utilização dos *smartphones* tem se mostrado favorável. Em 2015, os telejornais da TV Senado passaram a incorporar passagens e sonoras produzidas a partir de *smartphone*. Como na cobertura do velório do senador Luiz Henrique, em maio, quando a repórter Glauciene Lara aproveitou que estava no mesmo voo que a comitiva de senadores que viajava ao Rio Grande do Sul e registrou vários depoimentos dos parlamentares a partir do seu aparelho celular. As entrevistas foram utilizadas no VT que foi ao ar (LARA, 2015). Na

mesma linha, o boletim *Senado Agora* tem inovado também na realização de links ao vivo via Skype, aproveitando as facilidades de conexão a partir de aparelhos móveis.

Estes exemplos servem de base para mostrar o ambiente contemporâneo à criação e desenvolvimento deste projeto experimental. O cenário observado no jornalismo brasileiro é cada vez mais alinhado com a convergência mundial em direção à sociedade conectada 24 horas por dia, sete dias por semana. Novas tecnologias são incorporadas pelos consumidores de comunicação a todo momento, criando a necessidade de constante atualização e reinvenção por parte dos produtores destes conteúdos.

4. Objetivos

Com as novas tecnologias disponíveis, podemos sintetizar as funções de vários equipamentos utilizados na comunicação em um só (o celular moderno). Deste modo, um único jornalista pode assumir as funções de cinegrafista, repórter e editor de suas matérias, publicando-as de forma rápida, do próprio local onde se encontra. Com a eliminação de várias barreiras entre a notícia e o seu receptor, permite-se maior independência de conteúdo, o que favorece a democratização da informação.

Nessa linha de pensamento, propus uma produção de conteúdo informativo audiovisual, por meio de um celular. Um produto direcionado a um público-alvo emergente nas redes sociais e pensado para ser absorvido e consumido pelas novas e velhas mídias, através de todas as plataformas possíveis de acesso à internet. Mas este trabalho não pretende mostrar que é possível fazer matérias de telejornalismo com um *smartphone*, ou reproduzir conteúdo televisivo editado para um formato mais adequado à veiculação nas redes sociais.

Este projeto experimental pretende provar que notícias com maior apelo pela instantaneidade podem ter uma divulgação mais efetiva se produzidas a partir de um *smartphone*. Quanto mais rápido for o processo de captura, edição e publicação, melhor. Também pretendo demonstrar que este tipo de cobertura não substituirá, mas poderá complementar o conteúdo das mídias tradicionais.

Para executar essa ideia, proponho a criação, como produto experimental, de um canal de notícias especializado em cobertura jornalística em tempo real por meio do aplicativo Periscope, com replicações nas redes sociais Facebook e Twitter. Sugiro um novo formato de matérias de telejornalismo ao vivo voltado para mídias sociais, com todo o conteúdo produzido, editado e publicado apenas com a utilização de um *smartphone*. O canal será direcionado a um público-alvo jovem, entre 16 e 35 anos, com escolaridade mínima de ensino médio completo. Estas são as faixas da população consumidora de internet que mais utilizam a internet, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015.

Entre os meses de agosto e novembro de 2015, proponho a pesquisa de diferentes formas de aplicação do Periscope como mídia. No mês de outubro, proponho a cobertura – e posterior análise – de três pautas que abordem as áreas de política, direitos

humanos ou políticas de comunicação, e que sejam em Brasília. As transmissões deverão ter uma narrativa e uma linguagem adaptadas para a publicação nas redes sociais citadas e, portanto, direcionadas a um público que provavelmente estará assistindo ao conteúdo em um aparelho celular. Entretanto, qualidades estéticas e técnicas jornalísticas deverão ser preservadas.

5. Referencial Teórico

5.1 Convergência Digital

Marshall McLuhan defendeu, em meados da década de 1960, a ideia de que um veículo ou meio de comunicação sempre transmite outro meio ou veículo. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, o autor defendeu a ideia de que “o meio é a mensagem” e definiu os conceitos de meios quentes e frios (McLUHAN). Sob sua análise, a relevância de uma nova tecnologia não era mensurada pela sua característica, em si. Mas a partir das novas tecnologias ou relações humanas proporcionadas ou desenvolvidas a partir daquele meio.

Em termos de mudança que a máquina introduziu em nossas relações com outros e conosco mesmos, pouco importava se ela produzisse flocos de milho ou Cadillacs. A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica de fragmentação, que constitui a essência da tecnologia da máquina. (McLUHAN, 1964, p. 21)

Para McLuhan, a própria natureza das “mensagens” produzidas ou reproduzidas a partir de uma nova tecnologia interfere nas interações entre as pessoas, nas configurações de trabalho e, inclusive, na produção de novas tecnologias. A partir desse pensamento, adapta o seu conceito aos meios de comunicação.

Este fato, característico de todos os veículos, significa que o “conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. (...) Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. (McLUHAN, 1964, p. 22)

McLuhan tratou, em 1964, a televisão como um meio de comunicação novo que estava interferindo na forma como as pessoas se relacionavam, antes baseada na interação com o veículo rádio, e começou os estudos da chamada “convergência das mídias”. Nos dias atuais, o meio de comunicação que mais interfere na forma como as pessoas se relacionam é a internet e suas novas mídias, como o Facebook, o Twitter e o Youtube, por exemplo – todos considerados novas mídias, mas que não deixam de ser “conteúdo” transmitido pelo meio “internet”. Como o próprio autor defende, na mesma obra, os meios de comunicação transmitem mensagens que, por sua vez, também são outros meios de comunicação, além de, ao mesmo tempo, agirem como extensões do corpo humano (McLUHAN, 1964).

A partir dessa ideia, os agentes de comunicação desses meios devem agir (e pensar) individualmente como uma extensão do corpo humano do receptor daquela mensagem que será transmitida. A convergência, segundo o conceito de Henry Jenkins, defendido no livro *Cultura da Convergência*, se dá, ao mesmo tempo, na junção de várias extensões de seres humanos em um mesmo aparelho, quanto em um mesmo corpo humano, que opera aquele aparelho ou recebe os seus impulsos eletrônicos e os transforma em sentidos.

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 30)

Este processo de fragmentação da informação através de veículos co-dependentes, influenciando na forma como os seres humanos interagem entre si, Segundo Jenkins, essa lógica faz parte de um cenário de convergência midiática digital, no qual estamos vivendo.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29)

Jenkins afirma que nenhum de nós pode saber tudo, mas que cada um de nós sabe alguma coisa e, juntando esse saber forma-se o que ele conceitua como inteligência coletiva.

A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. Neste momento, estamos usando esse poder coletivo principalmente para fins recreativos, mas em breve estaremos aplicando essas habilidades a propósitos mais “sérios”. (JENKINS, 2009, p. 30)

Podemos inferir que faz parte da formação da inteligência coletiva a fragmentação da produção de informação, através da democratização e ampliação das possibilidades de transmissão de conteúdo, o que tende a multiplicar as fontes de acesso e, por meio de compartilhamentos, o número de consumidores deste conteúdo, promovendo a sua maior propagação.

O conteúdo de um meio pode mudar, seu público pode mudar, e seu status social pode subir ou cair, mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação. (...) A televisão não

eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. (JENKINS, 2009, p. 41)

Portanto, as novas plataformas e mídias não estão emergindo para substituir as tradicionais, mas para tentarem se estabelecer e ajudarem a compor um cenário convergente, onde há espaço para todos e o conteúdo é fragmentado.

5.2 Mídia Propagável

Henry Jenkins aborda a influência da conectividade entre pessoas e culturas promovida pelas redes sociais na lógica de distribuição de conteúdo midiático no livro *Cultura da Conexão* (2014). O autor considera o modelo atual de circulação na mídia como híbrido e emergente e o define como:

(...) um mix de forças de cima para baixo e de baixo para cima determina como um material é compartilhado, através de culturas e entre elas, de maneira muito mais participativa (e desorganizada). As decisões que cada um de nós toma quanto a passar adiante ou não textos de mídia – quanto a tuitar ou não a última gafe de um candidato a presidente encaminhar ou não por e-mail uma receita de biscoitinhos de Nieman Marcus, ou compartilhar ou não um vídeo de uma gaivota roubando numa loja – estão remodelando o próprio cenário da mídia. (JENKINS, 2014, p. 24)

A partir desse novo cenário de circulação de conteúdo, Jenkins desenvolve o pensamento defendendo que a qualidade ou o valor atribuídos pelo produtor primário de um determinado conteúdo são menos importantes para o compartilhamento desse conteúdo do que o contexto cultural, as preferências pessoais e o local em que está o seu compartilhador em potencial.

A “propagabilidade” se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros, às estruturas econômicas que sustentam ou restringem a circulação, aos atributos de um texto de mídia que podem despertar a motivação de uma comunidade para compartilhar material e às redes sociais que ligam as pessoas por meio da troca de bytes significativos. (JENKINS, 2014, p. 27)

Dessa forma, ele classifica o conteúdo de acordo com a sua capacidade de se propagar (ou “viralizar”) entre diferentes camadas de usuários e estabelece o conceito de mídia propagável, ou “propagabilidade” da mídia.

5.3 Webtelejornalismo

O produto experimental aqui proposto pretende materializar tendências do *webtelejornalismo* e das aplicações de aparelhos *smartphones* na produção de conteúdo telejornalístico para redes sociais. Essas tendências já foram estudadas na Universidade

de Brasília, mas este projeto não pretende confrontar esses estudos, apenas utilizá-los como ponto de partida teórico para a sua realização.

Letícia Renault defende que a digitalização da imagem e do som permitiu que barreiras físicas fossem quebradas. A distância e o tempo já não eram mais obstáculo para a transmissão da informação. Isso permitiu agilizar a veiculação de notícias por meio audiovisual, consequentemente aumentando o caráter imediato do telejornalismo.

O tempo da imagem ágil da televisão foi superado pelo tempo das imagens virtuais, produzidas pela tecnologia digital, imagens que se materializam através da combinação de bits numéricos. Com a digitalização, saiu de cena o filme fotográfico e o registro eletromagnético linear utilizado pela televisão e pelo vídeo. Linhas e pontos foram substituídos por dígitos. (...) A tecnologia digital ultrapassa fronteiras físicas e criativas impostas pelos modelos analógicos anteriores e aproxima narrativas que antes aparentemente mantinham-se em territórios exclusivos. (RENAULT, 2011, pp. 3-5)

A digitalização da imagem e do som permitiu que novas plataformas surgissem para a geração e a manipulação desses conteúdos. O jornalismo vem se utilizando cada vez mais desses recursos, principalmente na internet. Nesse contexto, uma novidade que interferiu diretamente nos processos de produção, sobretudo, do telejornalismo, são os aparelhos celulares inteligentes e com múltiplas funções.

5.4 Smartphones

Os telefones celulares da nova geração, conhecidos como *smartphones*, configuram-se como a mídia terciária mais importante da atualidade. O *gadget* é o principal meio de comunicação que representa o movimento de aceleração do tempo e das sincronizações sociais defendido por Norval Baitello Jr.

Os ritmos, ditados pela espera na mídia secundária, se aquecem na terciária, trazendo alterações comportamentais importantes. Resgata-se a oralidade, mais célere que a escrita. Instala-se a sua conservação em suportes legíveis por aparelhos elétricos. Torna-se possível a escolha entre a oralidade imediata, à distância e sem a presença física do interlocutor, ou mediatizada, conservada para posterior audição. Inaugura-se assim a conservação da presença, por meio de imagem e som. A presença conservada é a criação de um eterno presente que, no entanto, é apenas memória e indício de um sujeito emissor. (BAITELLO Jr., 2001, pp. 236-7)

O *smartphone*, com sua pluralidade de funções, está ainda conectado à rede mundial de computadores. Dessa maneira, o *gadget* se configura como importante instrumento ao jornalista, garantindo não só a exclusividade no registro da notícia, quanto à instantaneidade na sua reprodução, como destaca André Lemos.

Os vídeos e as fotos feitos em telefones celulares foram importantes, por exemplo, como testemunho das explosões a bomba nos metrô em Londres, nos tsunamis no oceano Índico, no furacão Katrina em New Orleans, no atentado a bombas em Madri, na guerrilha urbana em Paris. Buscando ainda uma particularidade e uma poética, os vídeos e fotos em celulares podem fazer da portabilidade, da mobilidade, do tempo imediato, da conexão e da difusão em rede diferença fundamental em relação aos filmes e vídeos com câmeras portáteis. (LEMOS, 2007, p. 32)

Gabriel Araújo estudou a utilização dos *smartphones* na cobertura jornalística da *GloboNews*, dando destaque para o trabalho do jornalista político Gerson Camarotti com o aparelho celular na produção de reportagens ou com participações ao vivo, entre os anos de 2010 e 2013. Camarotti é considerado pioneiro neste tipo de cobertura. Recorrentemente, ele produz material que nenhum outro veículo possui, pelo fato de poder gravar em praticamente qualquer situação, mesmo onde geralmente os cinegrafistas das emissoras não podem gravar, como dentro do plenário da Câmara dos Deputados, ou em jantares políticos, por exemplo.

O aparelho utilizado, em si, também traz vantagens como novo mecanismo de apuração ou pelo menos como nova forma de abordar a notícia. O telefone celular intimida menos, cabe no bolso e não requer uma equipe de, no mínimo, duas pessoas para registrar uma cena inusitada no Congresso ou em uma entrevista exclusiva concedida em cima da hora. (ARAÚJO, 2014, p. 57)

Para Araújo, uma das vantagens da utilização do *smartphone* na cobertura telejornalística é a praticidade – tanto para captar uma cena inesperada rapidamente, quanto para filmar em locais ou situações onde uma equipe comum não pode. Mas o autor destaca outra particularidade do trabalho do jornalista Gerson Camarotti, seu objeto de análise. Ele defende que uma reportagem feita inteiramente pelo celular permite uma maior autonomia ao repórter e, portanto, faz prevalecer a sua “assinatura”.

Pelo fato de o repórter ser também o próprio cinegrafista, (...) o conteúdo que vai ao ar é diretamente associado ao esforço de apuração de uma só pessoa. O jornalista sabe o que pretende gravar e tem noção clara de que caminho pretende trazer para o material. O resultado disso é uma reportagem autoral, que demonstra o empenho do repórter em ir atrás daquilo que acredita ser essencial para retratar a notícia. (ARAÚJO, 2014, p. 58)

A proposta experimental de aplicação das técnicas de telejornalismo com aparelhos celulares descrita na parte metodológica deste projeto parte da análise de Araújo sobre a utilização do *smartphone* na cobertura jornalística (sobretudo a política factual), e soma-se ao que foi observado nas experiências dos meios de comunicação com o aplicativo Periscope.

6. Metodologia

6.1 Pesquisa

Esse novo modelo de circulação de cultura e informação pelas mídias tende a ser cada vez mais participativo, graças à possibilidade de interação entre público receptor e o produtor do conteúdo. A conectividade promovida pelas redes sociais permite o rompimento de barreiras físicas entre usuários da internet e grandes empresas ou personalidades.

(...) o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhe permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica. (JENKINS, 2014, p. 24)

Essa conectividade entre usuários de maneira rápida e fácil está reconfigurando a lógica de produção e distribuição dos conteúdos, segundo o conceito de “propagabilidade” da mídia defendido por Jenkins. “A propagabilidade reconhece a importância das conexões sociais entre os indivíduos, conexões cada vez mais visíveis (e amplificadas) pelas plataformas da mídia social.” (JENKINS, 2014, p. 29)

É nessa lógica atual de produção e circulação de conteúdos que estão surgindo novas ferramentas de comunicação online, “que facilitam o compartilhamento informal e instantâneo” (JENKINS, 2014, p. 25). Dessa forma, destacam-se os aplicativos que permitem a transmissão de imagem e som em tempo real via *streaming* pelo aparelho celular, como é o caso do Periscope, do Meerkat e do Facebook Mentions. Dentre os três, o primeiro é o que já teve mais experiências realizadas no âmbito da cobertura de cunho jornalístico. O Facebook Mentions, apesar de ser um produto da principal rede social utilizada no mundo, tem uma proposta diferente: é voltado para personalidades da rede, permitindo o compartilhamento da vida pessoal com seus seguidores. Por causa disso, o Periscope foi a plataforma escolhida para realizar o experimento proposto para este projeto.

6.1.1 Sobre o Periscope

O conceito defendido pelo Periscope é o de que ele funcionaria como uma espécie de teletransporte, pelo qual o usuário pode enxergar outra parte qualquer do mundo,

naquele mesmo instante, por meio do olhar de outra pessoa. Com outras palavras, seria o mesmo que dizer que o aplicativo amplia dois dos sentidos (a visão e a audição), funcionando como uma extensão do corpo humano, ou o que Marshall McLuhan define como meio de comunicação (McLUHAN, 1964).

O Periscope foi uma ideia do norte-americano Kayvon Beykpour para tornar possível a transmissão ao vivo de imagens por qualquer pessoa em qualquer local do mundo, em contraposição ao conteúdo que é produzido pela televisão e por sites convencionais. De acordo com a reportagem de capa da *Revista W* de agosto de 2015, a versão beta do aplicativo teria sido comprada pelo microblog Twitter por US\$ 100 milhões em fevereiro do mesmo ano (BELLUCCI, ago. 2015). Oficialmente, o Periscope foi lançado pelo Twitter no dia 26 de março de 2015. Logo se popularizou como meio de comunicação entre os usuários da web. Dez dias após o seu lançamento, o aplicativo já possuía um milhão de usuários no mundo, atingindo a marca de dez milhões em menos de seis meses (PERISCOPE, 12 ago. 2015).

O Periscope permite a qualquer pessoa que possui um *smartphone* faça, ao vivo, uma transmissão em vídeo via *streaming* que pode ser acessada por qualquer outra pessoa – possuidora de outra plataforma com acesso à internet, seja ela um *smartphone*, um *tablet* ou um computador convencional – dependendo, para isso, apenas da sua conexão móvel e do seu pacote de transferência de dados – tanto nos casos do transmissor quanto do receptor do *streaming* de vídeo. O espectador pode entrar ou sair a qualquer momento da transmissão, ou ainda assistir ao replay, que fica disponível por 24 horas. Algumas extensões de browsers da web já estão disponíveis para fazer o download dessas transmissões, no formato de um vídeo.

Sua interface é limpa e intuitiva. Ao iniciar-se, o aplicativo mostra o que seria a sua televisão personalizada dentro do aplicativo, simbolizada pelo ícone de um aparelho de TV em um dos botões inferiores (ver Figura 1, p. 10). Se algum canal que você segue está ao vivo no momento ou esteve, nas últimas 24 horas, a tela inicial do Periscope lista as transmissões disponíveis para você assistir.

Em outra tela – acessada pelo segundo dos quatro botões inferiores, cujo ícone é um globo terrestre – há a possibilidade de procurar transmissões aleatórias de usuários de qualquer parte do mundo de duas maneiras: através de um mapa geográfico – no qual as transmissões vão surgindo na tela de acordo com a localização aproximada de onde

partiram, no formato de círculos vermelhos, no caso de transmissões ao vivo; ou azuis, para as transmissões que já foram encerradas, mas que estão com o replay ainda disponível –; ou por meio de uma lista global de transmissões que estão acontecendo de acordo com suas conexões pelo aplicativo (Figura 3).

O terceiro botão inferior – no formato de uma câmera filmadora com uma luz vermelha acesa – é utilizado para dar início a um streaming de vídeo em tempo real. Enquanto, em segundo plano, a tela mostra uma pré-visualização do que está sendo filmado pela câmera principal, abre-se uma caixa com o texto “O que você está vendo agora?” e o teclado. Nessa caixa de texto é onde o usuário insere o título que quer dar à sua transmissão. Abaixo, aparecem quatro ícones: um para ativar ou desativar a disponibilização da localização exata da transmissão; outro para limitar as pessoas que terão acesso àquela transmissão; um terceiro, para limitar os espectadores que podem comentar durante a transmissão; e o último, para postar um link daquela transmissão automaticamente no Twitter, assim que o usuário apertar o grande botão vermelho que está abaixo dos quatro menores, com o texto “Iniciar Transmissão” (Figura 3).

Há, ainda, a quarta e última tela de navegação do aplicativo do Periscope, chamada de “Pessoas”. Nela, você tem acesso aos perfis mais comentados ou curtidos do momento, pode fazer uma pesquisa entre todos os perfis existentes (clicando no botão do canto superior esquerdo, cujo ícone é uma lupa) ou acessar a página do seu perfil (pelo botão do canto superior direito), onde pode alterar a foto e os demais dados do seu perfil, bem como tem acesso a outras configurações do aplicativo.

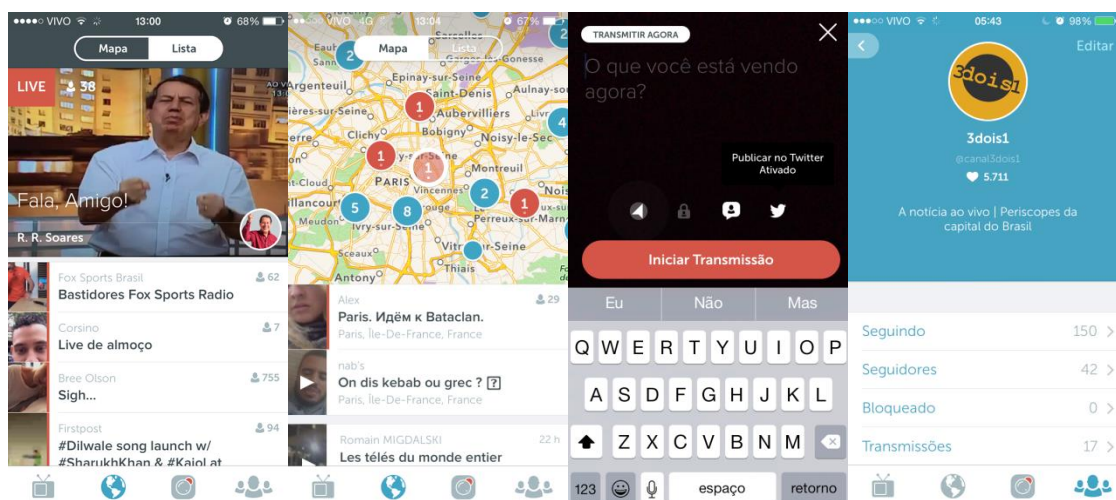


Figura 3: Capturas de tela do aplicativo Periscope, mostrando a navegação entre as transmissões (por mapa e lista); a tela que inicia uma transmissão; e o perfil do Canal 3dois1.

Uma outra forma de acessar as transmissões (seja ao vivo ou replay) é na web, por meio de um browser (ou navegador) comum (Firefox, Chrome, Safari, Edge, entre outros), através de um link, que pode ser divulgado pelas redes sociais, por exemplo. No entanto, através da web o espectador não pode curtir nem comentar durante a transmissão. Por outro lado, assistir pela web permite que o espectador faça o download do replay daquela transmissão – caso haja uma extensão própria para essa função instalada no navegador utilizado. Na pesquisa feita para este projeto, diversos aplicativos com essa função foram encontrados, mas o utilizado nesta pesquisa foi o Periscope Downloader para o Google Chrome, baixado gratuitamente na loja de aplicativos do browser.

Como descrito anteriormente, o Periscope possui uma ferramenta intrínseca ao aplicativo que facilita o seu compartilhamento no Twitter, que é a empresa que comanda o aplicativo. No entanto, se considerarmos a facilidade em se conectar às contas de múltiplas redes sociais, como um perfil do Twitter a um perfil do Facebook, por exemplo, pode-se dizer que uma transmissão pelo Periscope pode ser facilmente compartilhada nas principais redes sociais de forma instantânea, concomitantemente ao início do *streaming* pelo aplicativo.

Essas plataformas [de comunicação online] oferecem novas capacidades para as pessoas passarem adiante artefatos da mídia, ao mesmo tempo que buscam modelos para gerar lucro com as atividades dos usuários. (JENKINS, 2014, p. 25)

Dessa forma, o Periscope pode ser classificado como uma das novas plataformas de comunicação online, que se destacam por proporcionar facilidade e instantaneidade no compartilhamento informal de conteúdo, definidas por Jenkins no ano anterior ao lançamento oficial do aplicativo.

6.1.2 O Periscope como mídia

Para desenvolver este projeto, foi feita uma pesquisa diária – entre os meses de agosto, setembro, outubro e novembro do ano de 2015 – entre os principais veículos de comunicação com relevância no Brasil e seus respectivos canais no Periscope. Foi verificado que a mídia de *streaming* ao vivo está sendo utilizada por diversos veículos, como forma de complementar as suas coberturas tradicionais. Desde o lançamento do aplicativo, em abril de 2015, já foram feitas transmissões ao vivo por mídias como o

jornal impresso *Correio Braziliense*, a rádio *CBN*, o portal *Uol*, o canal esportivo *Esporte Interativo*, e os telejornais locais do *SBT* em Brasília, para citar apenas alguns exemplos. À medida do exequível, este trabalho tentou mapear e catalogar as principais transmissões feitas pelo Periscope por empresas de mídia, personalidades políticas e órgãos governamentais até a data de sua finalização.

Aliado às empresas de mídia, também as pessoas individuais por trás dos conteúdos dessas empresas estão utilizando o aplicativo para transmissões ao vivo, sejam elas ligadas à produção daquele veículo ou não. Exemplos nesse sentido são a editora-chefe do *Correio Braziliense*, Ana Dubeux, e a diretora de redação do portal *Metrópoles*, Lilian Tahan. Como utilizadores pioneiros do Periscope no âmbito de personalidades ligadas às grandes mídias, ainda podemos citar o blogueiro Ricardo Noblat, do portal *O Globo* e os apresentadores Marcelo Tas, do canal pago *GNT*, Rafinha Bastos, da *Band*, e Mariana Godoy, do *SBT*.

Paralelamente à utilização pessoal e corporativa do aplicativo Periscope no âmbito do jornalismo privado, o mesmo movimento pode ser observado na comunicação estatal. Nesse sentido, vários órgãos governamentais já estão com seus perfis ativos no aplicativo de *streaming*, como o Governo do Distrito Federal, o Ministério Público Federal e os ministérios da Fazenda, da Saúde, de Minas e Energia, do Turismo, do Esporte, da Defesa, e das Relações Exteriores, entre outros, além do perfil pessoal da presidente Dilma Rousseff – um dos canais mais visualizados dentre os citados, inclusive.

Assim como a presidente da República tem o seu próprio perfil pessoal (embora controlado pela sua assessoria de imprensa), outros políticos também já estão conectados ao Periscope, como os senadores Humberto Costa (PT-PE) e Lídice da Mata (PSB-BA), os deputados federais Paulo Pimenta (PT-RS) e Alberto Fraga (DEM-DF). Também há a utilização corporativa do aplicativo por partidos políticos, como é o caso dos perfis do Democratas e da bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados.

Há, ainda, empresas que utilizam o Periscope para promover seus serviços ou sua marca. Essa utilização pode ser paga ou gratuita. No caso do site Melhores Destinos, que vende passagens aéreas e pacotes de viagens, foi criado um programa no seu canal no aplicativo de *streaming*. Nele, o apresentador faz transmissões ao vivo de diferentes

locais para os quais o site vende pacotes, mostrando particularidades e fazendo uma espécie de passeio turístico com o espectador. Um exemplo foi a transmissão do dia 10 de outubro, que mostrou as ruas, as lojas e as pessoas do bairro Candel Town, em Londres. Já as empresas de telecomunicações Vivo e Claro adotaram a compra de espaço patrocinado, o que posiciona as transmissões na página inicial de todos os usuários. No dia 5 de outubro, por exemplo, o canal da Vivo, principal patrocinadora da Seleção Brasileira, transmitiu ao vivo um treino da equipe.

Ao redor do mundo, novas experiências estão sendo feitas com o Periscope. Em 31 de agosto, o jornal alemão *Bild* publicou uma grande reportagem em vídeo que acompanhou a jornada de refugiados da Síria inteiramente com o aplicativo (BILD, 31 ago. 2015). Uma outra inovação de linguagem utilizando o aplicativo de *streaming* do Twitter foi o filme “Fifteen”, produzido pelo estúdio Blumhouse, o mesmo que lançou a franquia de suspense “Atividade Paranormal”. “Fifteen” está sendo considerado o primeiro filme “feito ao vivo” via *streaming* (BLUMHOUSE, 29 out. 2015). Após elaborarem o roteiro, ensaiarem e prepararem tudo, o canal iniciou uma transmissão no Periscope na noite do dia 29 de outubro que durou aproximadamente 20 minutos, onde toda a ação (previamente produzida) aconteceu em sequência e ao vivo, como uma grande peça de teatro vista aos olhos de um celular. O ponto de vista varia entre a câmera que mostra o protagonista ou a do ponto de vista dele, em primeira pessoa.

6.1.3 O portal *Fato Online*

O portal *Fato Online* – site de notícias lançado no primeiro semestre de 2015 e sediado em Brasília – utiliza rotineiramente o seu canal no Periscope (@fatoonline), o qual continha 380 seguidores até o fechamento desta memória. Ao longo da pesquisa realizada para este projeto, este veículo de comunicação se mostrou o melhor exemplo de uso do aplicativo como parte integrante de sua rotina produtiva de conteúdo noticioso, seguindo a mesma linha proposta por este projeto experimental. Por esta razão foi destacada a sua utilização neste ponto. Conjuntamente com o Twitter, o Periscope é utilizado pelo site em pautas que são definidas para receberem a cobertura em tempo real da editoria chamada “#FatoAoVivo”, coordenada pela publicitária Halline Medeiros, que prioriza eventos de destaque pelas mídias sociais. Abaixo estão algumas das principais transmissões feitas pelo canal no período analisado.

@fatoonline

15/9 - resumo do ajuste fiscal do GDF

15/9 - Abertura Festival de Brasília

2/10 - Brasília Capital Fitness

23/10 - Jogo de vôlei do campeonato local

3/11 - Assembleia do sindicato dos professores

11/11 - Reunião do sindicato dos professores com o GDF

13/11 - Debate entre candidatos à OAB/DF

Na estrutura da redação do *Fato Online*, há uma pessoa responsável pelos conteúdos produzidos por meio do Periscope, a jornalista especializada em mídias sociais Mishelly Coelho. Em entrevista para este trabalho acadêmico, ela explicou o as etapas do processo de produção – desde a escolha das pautas até a execução – de uma cobertura transmitida pelo Periscope.

Essa linha editorial normalmente é utilizada em pautas de grande interesse público. Como, por exemplo: importantes votações do Congresso, anúncios decisivos na economia, grandes pronunciamentos políticos e manifestações. Normalmente essas pautas são definidas no dia anterior, durante a reunião de pauta entre os editores e a coordenadora de mídias sociais. Mas pode acontecer de ser algo imediato, surgido e identificado ao longo do dia pela equipe. (COELHO, 15 nov. 2015)

Mishelly Coelho é quem conduz o canal do portal *Fato Online* no Periscope. Em algumas transmissões, ela assume mais a função de repórter, atualizando o espectador com as informações mais recentes e explicando o que está acontecendo, e, em outras ocasiões, a função de cinegrafista, apenas transmitindo um determinado acontecimento ou quando um outro repórter assume a transmissão. As transmissões são feitas por Mishelly, sempre junto com o repórter da editoria em questão (economia, política ou Brasília) designado para a pauta, que também ajudar na cobertura via *streaming*. “A intenção, com o Periscope, é teletransportar o leitor para o local da notícia, para que, com isso, ele possa enxergar o acontecimento com seus próprios olhos, em tempo real.” (COELHO, 15 nov. 2015)

O site *Metrópoles* – outro recente portal de notícias sediado em Brasília, lançado no segundo semestre de 2015 – também tem utilizado o recurso de *streaming* de vídeo, mas não com a mesma periodicidade que o *Fato On-line*, embora conte com o ícone do Periscope na página inicial. O canal do *Metrópoles* no aplicativo (@metropolesdf), com 118 seguidores até o fim do período analisado, transmitiu ao vivo a posse do novo secretariado do governador Rodrigo Rollemberg, em 22 de outubro. A inauguração do site *Metrópoles* também foi transmitida ao vivo, pelo celular da sua diretora de redação, Lilian Tahan.

Entre os portais da internet, um dos primeiros a experimentar transmissões com o Periscope foi o Uol. No perfil @UOL, os primeiros testes estão sendo feitos pelos repórteres do seu projeto TAB, que prioriza o conteúdo multimídia nas reportagens. Geralmente, as entradas ao vivo acontecem da redação do portal, onde os repórteres conversam sobre a pauta, interagem com os espectadores e alternam entre si a câmera e a condução da transmissão, sem muita ordem e sem seguir um roteiro.

6.1.4 O Periscope e as mídias tradicionais

Não são apenas os veículos novos, pensados sob a lógica da convergência desde sua criação, que estão adotando o aplicativo. Também os meios ditos tradicionais – jornal, revista, televisão e rádio – estão transmitindo (e inovando) pelo Periscope. O jornal impresso *Correio Braziliense* (@Correio) foi, durante o período desta pesquisa, a mídia tradicional que utilizou o aplicativo de maneira mais dedicada. Primordialmente, o canal priorizou as pautas culturais. Foi criada uma programação exclusiva para o aplicativo, com entrevistas e bate-papos com a equipe do caderno *Diversão & Arte* direto de um estúdio, além de incorporar a transmissão ao vivo na cobertura de eventos ou na execução de uma pauta para o jornal impresso ou para o site. Tudo pelo canal do Periscope, que possuía quase seis mil seguidores até o fechamento deste trabalho.

Uma técnica utilizada é a do repórter que está apresentando estar constantemente dialogando com os espectadores: ele anuncia quando entram novos, enumera alguns usuários que estão on-line, lê alguns comentários ao vivo, utilizando um iPad como acessório. Todas essas são técnicas que já estão incorporadas à interatividade na televisão e no rádio, pela internet ou pelo telefone. Uma das coberturas em que o *Correio Braziliense* utilizou uma combinação de todos esses formatos foi no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em setembro deste ano.

@Correio
15/9 - Entrevistas durante o Festival de Cinema de Brasília
18/9 - Bate-papo no estúdio sobre filmes da mostra competitiva
22/9 - Cerimônia de premiação mostra competitiva

José Carlos Vieira, editor do caderno *Diversão & Arte*, contou, em entrevista para este trabalho, como as transmissões se encaixam na rotina produtiva do jornal *Correio Braziliense*.

Como a plataforma é nova, estamos priorizando entrevistados que tenham público com este perfil. A coisa ainda engatinha, mas aumenta a cada dia. Definimos uma data (quinta-feira) e um horário (por volta das 15h) para as

entrevistas. É claro que durante a semana pode ocorrer um bate-papo. Vinculamos também a conversa com o artista ao Snapchat, ao site do Correio e também ao impresso, ou seja, tudo conectado. É rápido, é verdadeiro e amplia a interatividade com o leitor do Correio, principalmente as novas gerações. (VIEIRA, 18 nov. 2015)

Outra empresa de destaque no jornalismo impresso que está usando o Periscope de forma diferenciada é o *O Estado De S. Paulo*. O grupo de mídia criou um perfil no aplicativo para cada editoria do seu portal, seguindo os perfis que já possuía no Twitter. O perfil do “Estadão” que fez transmissões relevantes para esta pesquisa no período analisado foi o da editoria de notícias internacionais, o *Inter Estadão* (@EstadaoInter). Ao longo do dia 22 de novembro, o repórter do jornal deslocado a Buenos Aires para cobrir o dia da eleição presidencial da Argentina fez dez transmissões ao vivo, nas quais atualizava o clima na cidade e as repercussões na mídia local. Mostrou locais de votação e áreas de grande concentração de pessoas, além de retransmitir o sinal do canal de notícias CNN da televisão do quarto do hotel em que estava hospedado, tudo pelo seu celular, através do Periscope.

Na televisão brasileira, quem utilizou o Periscope de uma forma diferenciada foi o *Warner Channel Brasil* (@WarnerChannelBR), que deu à apresentadora Carol Moreira – formada nesta Faculdade de Comunicação – a incumbência de fazer transmissões em tempo real diretamente do tapete vermelho da premiação do Emmy, nos Estados Unidos, nos dias 19 e 20 de setembro.

Nas demais mídias tradicionais, ainda não é comum a produção de conteúdo diferenciado exclusivo para canais do Periscope, mas há, basicamente, dois tipos de transmissão: as que atribuem um novo uso a algum material que já será utilizado pelo veículo tradicional e aquelas que mostram os bastidores da produção tradicional da respectiva mídia.

Um bom exemplo deste primeiro tipo de uso do Periscope é o que está sendo feito pelo *Jornal da Record* (@jornaldarecord). Diariamente, o canal no aplicativo mostra os bastidores da produção do telejornal. Outros bons exemplos, ainda na televisão, são os canais esportivos *SporTV* (@SporTV), *Fox Sports Brasil* (@Fox_Sports_br) e *Esporte Interativo* (@Esp_Interativo), que transmitem a produção e os destaques de programas, diretamente do estúdio. Já o canal do telejornal local *SBT Brasília* varia a programação do seu perfil no Periscope. Às vezes, coloca os apresentadores interagindo com a

redação e com os espectadores, noutras os produtores conversando com repórteres e editores sobre as pautas do dia e chamando os principais destaques.

O outro tipo de uso enumerado acima é muito comum nos perfis da rádio *CBN*, por exemplo. No perfil do *Jornal da CBN* (@jornaldacbn), as transmissões são feitas diariamente pelo repórter que acompanha o helicóptero da emissora, em São Paulo. São comuns as transmissões mostrando o trânsito na capital paulista ou eventos possíveis de serem vistos do alto, como o protesto de taxistas contra o aplicativo Uber no dia 11 de novembro. Já o perfil da praça da *CBN* no Rio de Janeiro (@cbnrj) dá prioridade às transmissões de jogos de futebol, diretamente das cabines de rádio nos estádios. No canal da *CBN* de Salvador (@CBN_Salvador), é veiculado, principalmente, o que acontece nos estúdios da rádio, como as entrevistas dos candidatos à Ordem dos Advogados do Brasil na Bahia, nos dias 19 e 20 de novembro.

6.1.5 O Periscope e as assessorias de imprensa

Os assessores de imprensa têm utilizado o Periscope das formas mais variadas, muitas vezes atingindo um alcance maior do que as mídias tradicionais. Nas mais variadas áreas, o uso do aplicativo está se popularizando entre os perfis de pessoas públicas, partidos políticos, órgãos do governo ou times de futebol.

O perfil que mais se destacou nesta categoria da pesquisa foi o da presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff (@dilmabr), que possuía mais de 64 mil seguidores até o fechamento desta pesquisa. Através dele, a assessoria de imprensa transmitiu eventos diversos em que a presidente participou. Em alguns, as imagens não mostravam muita coisa além do que as câmeras de televisão, mas houve ocasiões em que a transmissão se dava a partir de um local que nem mesmo a imprensa tinha acesso, como no encontro de Dilma com a chanceler alemã Angela Merkel, no dia 20 de agosto, em que o ponto de vista da transmissão ficou do lado de dentro do Palácio do Planalto enquanto as duas chefes de Estado acenavam para a imprensa, do lado de fora. Enumerei abaixo as transmissões que achei mais importantes neste canal.

@dilmabr
20/8 – Dilma Rousseff recebe Angela Merkel
2/10 – Anúncio da reforma administrativa no governo
5/10 – Posse dos novos ministros

Seguindo essa mesma linha, vários ministérios do governo Dilma adotaram o uso do Periscope. Os ministérios da Fazenda (@FazendaGovBr), Saúde (@minsaude),

Defesa (@DefesaGovBr), Relações Exteriores (@ItamaratyGovBr), Desenvolvimento Social (@MDSComunicacao), Meio Ambiente (@mmeioambiente) e Aviação Civil utilizaram o aplicativo durante o período de pesquisa em coletivas, audiências ou conferências realizadas. O ministério do Turismo (@MTurismo) quebrou este padrão e cobriu eventos como o São Paulo Fashion Week, no dia 19 de outubro. Já o ministério do Esporte (@minesporte), utilizou o Periscope para fazer transmissões direto dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Palmas, entre os dias 21 e 26 de outubro.

Outros órgãos vinculados à estrutura do governo também já adotaram o Periscope como parte de sua comunicação institucional. É o caso do Comitê Paralímpico Brasileiro (@cpboficial), que realizou diversas transmissões de competições internacionais em que o Brasil estava sendo representado por algum para-atleta.

Outro órgão público que tem utilizado o Periscope com frequência e de formas variadas é o Ministério Público Federal (@MPF_PGR). Em algumas transmissões, jornalistas do MPF explicam algum caso específico ou anunciam os destaques do órgão, mas a maioria mostra coletivas ou eventos como a sabatina do Procurador-Geral da República, Rodrigo Janot, no Senado, precedente à sua recondução ao cargo, no dia 26 de outubro.

Governos estaduais e municipais não ficaram de fora do aplicativo. O Governo do Distrito Federal (@Gov_DF) transmitiu, por exemplo, a coletiva em que o governador Rodrigo Rollemberg anunciou o ajuste fiscal que seria feito, no dia 15 de setembro. A transmissão, no entanto, assemelhava-se em enquadramento e posicionamento do ponto de vista a uma cobertura de televisão comum, onde a autoridade governamental era vista de longe, filmada por um assessor.

Já o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (@eduardopaes_), optou por um uso diferenciado do aplicativo, mais voltado para a promoção da sua imagem. O prefeito, que nomeou o seu canal como “TV Paes” numa transmissão, é o próprio cinegrafista. Paes utiliza o aplicativo de forma mais pessoal, criando uma ligação mais íntima com seus espectadores. Nas transmissões da “TV Paes”, o prefeito mostrou o Museu do Amanhã antes de o mesmo ser inaugurado, a apresentação do campo em que serão realizadas as partidas de hockey sobre grama e a inauguração de outras obras para os Jogos Olímpicos de 2016, a serem realizados na cidade que governa. Nas suas transmissões, brinca com os membros da imprensa tradicional que estão lá para entrevistá-lo, além de mostrá-los aos seus espectadores. “Isso aqui você não vai ver na Globo primeiro não, vai ver na TV Paes, que está ao vivo agora”, brinca o prefeito,

durante a transmissão do dia 21 de novembro, intitulada “Exclusiva da TV Paes”, que mostrou a primeira viagem de um veículo leve sobre trilhos do Rio de Janeiro.

Por fim, outros políticos parecem ter se apropriado bem da linguagem do Periscope. No Senado, Humberto Costa (PT-PE) (@humbertocostapt) tem utilizado intensamente o aplicativo para transmitir as audiências públicas de que participa. Em uma audiência que tratava de um projeto de Lei de sua autoria, no dia 13 de novembro, Costa realizou 15 entradas ao vivo. Outra senadora que está utilizando o Periscope para promover a sua imagem é Lídice da Mata (PSB-BA) (@lidicedamata). Ela mostrou aos seus seguidores momentos da reunião da diretoria do seu partido em Feira de Santana, no dia 9 de novembro, e uma entrevista que concedeu à rádio Vida FM, no dia 13 de novembro.

Da mesma maneira, bancadas como a do partido Democratas (@democratas) e a do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados (@PTnaCâmara) têm se utilizado do Periscope para promover o trabalho dos deputados da legenda ou dar suporte a causas que apoiam. O Democratas transmitiu discursos de parlamentares na tribuna e um protesto pró-impeachment da presidente Dilma Rousseff, em que manifestantes tentavam entrar no Congresso Nacional, no dia 21 de outubro. Já o perfil do PT na Câmara, mostrou parlamentares em entrevistas coletivas ou em situações de apoio à causas simpáticas ao partido. Como no dia 18 de novembro, quando o canal transmitiu dois trechos da Marcha das Mulheres Negras em frente ao Congresso Nacional. Na segunda das transmissões, as imagens mostraram policiais militares dispersando a multidão com gás de pimenta, atingindo parlamentares do PT que estavam no meio. Essa transmissão ganhou tanto destaque, que apareceu na televisão tradicional.

6.1.6 O Periscope no Jornal Nacional

A edição do dia 18 de novembro do Jornal Nacional (JN) trouxe à realidade uma das utilidades do Periscope para o telejornalismo, pouco antes da conclusão deste trabalho. Na reportagem de Zileide Silva durante a Marcha das Mulheres Negras, em frente ao Congresso Nacional, 15 segundos de imagens no off que precedeu a passagem da repórter foram cobertos com imagens do Periscope feitas pelo canal @PTnaCâmara, da bancada do deputados federais do Partido dos Trabalhadores (SILVA, 18 nov. 2015).



Figura 4: Frame mostra imagens do Periscope no Jornal Nacional do dia 18 de novembro de 2015.

Aos 45 segundos da matéria, o trecho de uma transmissão do Periscope (pela interface para web, com a marca d'água do aplicativo, nome da transmissão original e do canal produtor) mostrava o início de um confronto entre os grupos que protestavam em marcha e os que estavam acampados no gramado da Esplanada dos Ministérios, no momento em que a Polícia Militar interveio e dispersou a multidão com gás de pimenta, atingindo também dois parlamentares que tentavam negociar a paz entre os manifestantes. A Globo utilizou as imagens do Periscope porque não estava com uma equipe no mesmo local naquele exato momento, como o *SBT* (cujo microfone aparece nas imagens de Periscope). Porém, mesmo com qualidade inferior, as imagens utilizadas no Jornal Nacional foram gratuitas, informaram ao seu público satisfatoriamente e o crédito foi dado ao Partido dos Trabalhadores, e não a uma empresa concorrente.

6.2 Desenvolvimento

O desenvolvimento do produto experimental deste trabalho foi subdividido em quatro partes. Primeiro, será esclarecida a escolha de equipamentos, acessórios e tecnologias que seriam utilizadas. Em seguida, a abordagem dos gêneros jornalísticos a serem trabalhados nas experiências, e a definição dos formatos em que seriam trabalhados. Também serão traçadas as adaptações na linguagem utilizada nas reportagens feitas pelo celular e as adequações estéticas de composição da imagem. Por fim, será apresentado o planejamento do canal criado para servir de veículo para as experiências do projeto.

6.2.1 Aspectos técnico-operacionais

6.2.1.1 Equipamentos

Para a execução do projeto, foram utilizados dois dispositivos da Apple: um *smartphone* modelo iPhone 5C (como equipamento principal) e um *tablet* modelo iPad de terceira geração (como equipamento acessório). A escolha foi feita a partir de três premissas: a captação de imagem e som dos produtos da Apple atende à qualidade técnica necessária; o aplicativo de edição de vídeo próprio do sistema operacional desses equipamentos atende às necessidades do projeto, facilitando o manuseio dos arquivos entre as diferentes plataformas e o seu compartilhamento rápido nas redes sociais; a conectividade móvel dos aparelhos, permitindo transmissões via streaming e upload dos vídeos rapidamente de praticamente qualquer lugar.

O equipamento principal utilizado neste experimento foi o iPhone, pois o objetivo é mostrar como um conteúdo jornalístico de qualidade pode ser totalmente produzido a partir de um *smartphone*. E isso foi feito, pois na grande maioria das coberturas, apenas o iPhone foi utilizado. Entretanto, ficou demonstrado nas pautas em que é viável levar consigo os dois equipamentos, que o iPad pode se tornar muito útil para agilizar a publicação ou a edição de um conteúdo enquanto o iPhone desempenha outra função.

O iPhone 5C se destacou de outros modelos na escolha e se mostrou o equipamento ideal para o caráter das transmissões pelo Periscope a que eu me propus, por, basicamente, dois motivos: seus menores peso e tamanho, o que facilita o manuseio durante as transmissões; e a sua conectividade à internet via tecnologia 4G, o que possibilita uma conexão de melhor qualidade de sinal e de imagem.

Já o iPad, possui conectividade via 3G, menos eficaz para um *streaming* de vídeo, porém suficiente para upload de vídeos e compartilhamento de arquivos com o iPhone. Por outro lado, sua tela maior facilita edições de vídeo e a redação de postagens nas redes sociais, por exemplo. Também pode ser utilizado para apuração pela internet durante uma cobertura ou para digitar textos de referência para a transmissão (substituindo um bloquinho de papel, por exemplo).

6.2.1.2 Captação de áudio e vídeo

A captação de imagens nas transmissões foi feita a partir das câmeras principal ou frontal do iPhone. A câmera principal possui melhor resolução, o que favorece sua utilização em trechos da transmissão em que a imagem é a informação visual mais relevante ou em sobes sons e entrevistas coletivas. Do outro lado do *smartphone* – naquele que encosta na orelha quando se fala ao telefone –, está a câmera frontal, a qual possui uma resolução inferior, porém possibilita que o repórter filme a si mesmo com maior facilidade. Esta câmera foi utilizada nos trechos das transmissões em que o repórter deve aparecer, como entrevistas exclusivas, passagens, aberturas ou encerramentos de transmissões. A troca entre essas duas câmeras é efetuada de maneira muito simples durante uma transmissão pelo aplicativo do Periscope: basta um toque duplo na tela.

A captação de áudio nas transmissões foi feita a partir do microfone embutido no próprio iPhone ou no microfone que vem preso ao fio de um dos fones de ouvido – utilizei o acessório original da Apple, incluso na compra do telefone. O microfone embutido no aparelho foi utilizado na maior parte das transmissões – muitas vezes foi o único –, sobretudo durante os momentos em que a informação sonora do ambiente era a mais importante. Também posso me referir, ao longo desta memória, a este dispositivo de captação de áudio como microfone “ambiente”.

O microfone dos fones de ouvido, por sua vez, foi mais utilizado nas ocasiões em que o volume do áudio ficaria muito baixo se este fosse captado com o microfone ambiente, como em transmissões em meio a locais tumultuados ou barulhentos. Este microfone, ao qual posso chamar também “de lapela”, capta o áudio com uma qualidade muito boa a uma distância de até um palmo da boca, mas deve-se deixar o fone e o resto do fio do mesmo lado do microfone enrolados na mão, para não balançarem. O outro fone deve sempre ficar no ouvido do repórter, para obter retorno do áudio que ele mesmo está captando. O acessório deve ser utilizado de forma que permita uma mobilidade com a mão semelhante à do repórter de televisão. O microfone deve poder sair de perto da boca do repórter, ir até a distância de um palmo da boca do entrevistado e voltar com agilidade e segurança nos movimentos, para não haver ruído na informação. Quando o repórter não vai precisar do microfone para fazer entrevistas, os

dois fones podem ser colocados no ouvido, de forma a livrar as mãos do repórter, sem prejudicar a captação do áudio.

6.2.1.3 Armazenamento

Por meio de uma ferramenta do aplicativo do Periscope todas as transmissões feitas com o iPhone foram instantaneamente compartilhadas nas redes sociais Twitter e Facebook. Porém, para compartilhar os links para o replay das transmissões, bem como fazer outras postagens nesta rede social, o iPad também foi utilizado, como forma de agilizar o processo e permitir que o iPhone seja recarregado na tomada antes de uma nova transmissão ou faça outra transmissão ao mesmo tempo, por exemplo.

Após as transmissões, o iPhone salva um vídeo da transmissão na memória do aparelho. A partir desses vídeos, foi possível recortar trechos menores para serem postados separadamente. No entanto, como verificado durante a execução deste projeto, um aparelho eletrônico sempre está sujeito a erros e falhas, mesmo que humanas. Portanto, foi estabelecido uma forma alternativa de salvar os replays do canal do Periscope não-suscetível a falhas humanas. O site *Katch.me* grava todas as transmissões feitas pelos usuários de Periscope ou Meerkat cadastrados no serviço, sem depender da memória nem da bateria do aparelho gerador das imagens.

Para a edição, foi utilizado o próprio aplicativo do *smartphone* da Apple, de fácil manuseio. Ele permite salvar o recorte como um novo vídeo, preservando o arquivo original, e o rápido upload para as redes sociais ou para o backup virtual do canal. Se houver necessidade de edição mais detalhada (com modificações em áudios, junção de várias partes em um só vídeo, entre outras), pode ser utilizado o aplicativo gratuito da Apple iMovie, disponível para iPhone e iPad.

Para não ficar refém do espaço disponível na memória dos dispositivos, recorri a mais um aplicativo da web: o Google Drive. Trata-se de um mecanismo de armazenamento de arquivos na “nuvem”, ou em um ambiente virtual que utiliza os servidores físicos do Google, mas permite o seu acesso a partir de diferentes plataformas e de qualquer lugar com acesso à internet. Utilizei o Google Drive na modalidade gratuita – a qual disponibiliza 15 gigabytes para armazenamento –, vinculado à conta de e-mail gratuita do Google (Gmail) que foi criada para comunicação institucional do canal.

6.2.2 Definição de formatos

As transmissões terão basicamente três formatos – íntegra, entrevista ou reportagem –, definidos após análise do que está sendo produzido pelos grandes grupos de mídia e pelas assessorias de imprensa com o meio Periscope. Cada pauta poderá ter uma ou mais entradas ao vivo pelo aplicativo de *streaming* de vídeo – dependendo da importância, da duração e da variedade de fontes entrevistadas – e estas poderão ser do mesmo formato ou alternadas. Uma mesma transmissão pode intercalar mais de um formato ao longo de sua duração.

Vale a pena ressaltar que o início da transmissão não precisa ser necessariamente o início da matéria, do evento ou de uma entrevista. Assim como em programas ao vivo do rádio e da televisão, a transmissão deve ser iniciada, sempre que possível, com uma antecedência suficiente para apresentar o que será transmitido a quem está entrando para assistir àquela transmissão, independentemente do formato aplicado. Durante esse tempo, pode haver um momento de descontração, como os bastidores de uma entrevista anterior ou dos jornalistas esperando, por exemplo.

6.2.2.1 Íntegras

O formato de transmissão na íntegra é ideal para coletivas com vários entrevistados, palestras, eventos grandes, manifestações, shows, partidas esportivas, entre outras pautas. Não deve ser mais longa do que o necessário. Muitas vezes esses tipos de pautas se alongam muito além do momento em que as principais informações já foram dadas. Como o meio principal de divulgação do conteúdo (o Periscope) suporta transmissões longas (já que só as mantém em seus servidores por 24 horas), não há porquê definir um limite para este tipo de transmissão. Até porque o seu replay poderá ser recortado e gerar uma variedade maior de posts com pílulas informativas do que aconteceu no evento transmitido na íntegra. Da mesma forma, a cobertura do evento poderá ser subdividida em mais de uma transmissão, é uma forma de dar um intervalo ao repórter para se atualizar na apuração ou descansar os braços, por exemplo.

Neste formato, o repórter interfere na transmissão o mínimo possível, apenas para transmitir as informações mínimas, podendo, inclusive, fazer isso sem aparecer. Outras vezes, o repórter também pode exercer a função de locutor, narrando o que está acontecendo e complementando com mais informações, ou segurando a audiência entre

uma coisa e outra no evento em questão. É possível o repórter fazer uma aparição de abertura e/ou encerramento da transmissão.

Para transmissões com estas características, é indicada a captação de imagens primordialmente pela câmera principal do aparelho. O áudio do evento transmitido será melhor capturado pelo microfone ambiente, de forma semelhante aos sons utilizados no telejornalismo tradicional. Entretanto, se o evento for muito barulhento ou ruidoso (como uma manifestação, por exemplo), pode se fazer muito útil o microfone lapela para captar o áudio de uma entrevista ou mesmo o do repórter. Os comentários podem ficar habilitados, mas não haverá possibilidade de interação com o repórter na maior parte da transmissão. Nos intervalos em que o repórter assumir o controle da transmissão, no entanto, o mesmo pode responder a questionamentos dos espectadores.

6.2.2.2 Entrevistas

Outro formato trabalhado nas transmissões experimentais deste projeto foi o de entrevista. Entende-se por entrevista um trecho da transmissão que se assemelha a uma sonora de um VT reportagem de um telejornal. Neste caso, podemos subdividir este formato em dois grupos: as entrevistas coletivas (ou quebra-queixos) e as exclusivas. No entanto, os dois tipos recebem tratamentos estéticos diferentes. Em ambos os casos, uma transmissão desse gênero não deve exceder dez minutos, devendo ser pensada para esse tamanho.

Numa entrevista quebra-queixo ou coletiva, o repórter é apenas mais um atrás daquela informação com a mesma fonte. Às vezes ele consegue fazer uma pergunta, outras vezes não, mas a resposta à pergunta de um colega jornalista pode servir para ele também. Por isso, recomenda-se o uso da câmera principal para filmar o entrevistado e o microfone ambiente para captar a sua voz, pois este também captará bem alguma possível pergunta, feita por outro repórter ou não.

Já numa entrevista exclusiva, todas as perguntas serão feitas pelo mesmo repórter, que tem maior controle sobre o entrevistado. Neste caso, deve-se valorizar a presença do repórter ao lado do entrevistado e a forma como eles interagem. Por isso, pode-se fazer útil o uso da câmera frontal do celular para enquadrar o entrevistado e também possibilitar o enquadramento do repórter, inclusive alternando entre os dois ou enquadrando os dois ao mesmo tempo. No entanto, o repórter pode optar por passar a

entrevista para a outra câmera, sem prejuízo para a informação. Neste modo, o áudio pode ser melhor captado com o uso do microfone de lapela, principalmente quando houver muito ruído exterior. Pode-se permitir que os espectadores comentem e até mesmo sugiram perguntas ao entrevistado.

6.2.2.3 Matéria em plano-sequência

Este gênero de transmissão o qual proponho consiste, basicamente, em fazer um produto que seria o equivalente a uma reportagem para televisão completa – contendo aparição(ões) do repórter e entrevista(s) ou sobre som – na forma de um só plano-sequência que informe de maneira clara, instantânea e enxuta o que está acontecendo. É uma forma de resumir o assunto estando ainda dentro da pauta, podendo caminhar pelo local e mostrar detalhes. Uma transmissão desse gênero deve durar entre três e sete minutos, em geral, e poderá ser chamada de reportagem neste estudo, pela sua relação com o gênero de VT reportagem do telejornalismo, principal escola para o jornalismo em vídeo para internet.

Transmissões desta natureza são úteis quando há bastante informação apurada, denotando um maior esforço de reportagem. Exige um maior trabalho de produção por parte do mesmo repórter – e que também já estará exercendo as funções de cinegrafista e editor da sua própria matéria –, pois muitas vezes as entrevistas que serão feitas durante a transmissão terão que ser combinadas previamente, para não haver espaços de silêncio na transmissão enquanto se tenta conseguir uma entrevista com alguém. Como este gênero mescla vários elementos numa mesma transmissão, absorve algumas práticas dos outros dois formatos, porém tem suas particularidades. Em geral, a imagem será alternada entre a do repórter e a do local, variando-se a câmera entre a frontal e a principal, respectivamente. Para definir qual tipo de imagem cada trecho da reportagem deverá ter, diferenciei-os entre trechos com informação visual mais relevante – trechos em que a imagem do fato é importante ou em entrevistas coletivas – ou trechos em que o repórter deve aparecer – aberturas, passagens e encerramentos, ou entrevistas exclusivas.

6.2.3 Linguagem e estética

A linguagem e a estética utilizadas nas transmissões de caráter jornalístico pelo Periscope não podem deixar de levar em consideração o meio em que estão inseridas,

caracterizado pelas imagens em formato *selfie* (onde a pessoa filma a si mesma com a câmera frontal), pela instabilidade das imagens (característica de conteúdo feito por *smartphones*) e pela informalidade na fala. Vale lembrar que a maior parte do público-alvo dessas transmissões (ou de vídeos gerados a partir delas) as assistirá pela tela de um aparelho celular. Portanto, devemos seguir essa lógica, mas prezar pelos conceitos jornalísticos e pela clareza nas informações.

6.2.3.1 Apresentação

Para isso, o repórter deve se comunicar com uma linguagem mais informal, praticamente conversando com o espectador. Deve interagir com o público um pouco mais como se fossem amigos numa rede social do que como o repórter que está na televisão, mas mantendo a postura, a gesticulação e a boa pronúncia deste, para não perder a clareza nas informações. Isso “aproxima” o espectador à notícia. Ele sente maior intimidade com o repórter e verossimilhança no conteúdo audiovisual, pois percebe que foi produzido com um dispositivo muito parecido com o qual ele está acessando aquele conteúdo, facilitando o seu compartilhamento e, portanto, as visualizações e a penetração do conteúdo jornalístico no público-alvo.

As transmissões podem ser iniciadas com uma saudação cordial como “boa noite” ou “boa tarde”, seguidas de uma rápida apresentação e descrição da pauta. Da mesma maneira, o encerramento deve ser feito com a mesma cordialidade com os espectadores, mas procurando sempre finalizar com a assinatura do canal. A mesma cordialidade deve ser utilizada no diálogo do repórter com os espectadores que comentam na transmissão. Sempre que possível, a transmissão deve conter a valorização dessa participação. Ler os comentários em voz alta é um recurso que pode ser utilizado, seguido sempre de uma resposta ou agradecimento à participação.

Estas funções a serem desempenhadas pelo repórter multimídia no Periscope se assemelham às funções de um apresentador de televisão ou rádio na era da interatividade. Ele anuncia quando entram novos espectadores, enumera alguns usuários que estão online, lê comentários ao vivo, etc.

6.2.3.2 Compartilhamento

Uma forma de auxiliar no entendimento da informação por parte do público e despertar o interesse em novos espectadores, é preencher os títulos das transmissões

com o máximo de informação atualizada possível. O espaço de texto aceita até 100 caracteres, o suficiente para um título semelhante ao de matérias em sites de notícias – incluindo a sua facilidade de indexação em buscas, promovido pelo uso de *hashtags*, o que ampliará a penetração nas redes sociais das publicações que redirecionam para a transmissão ao vivo.

Por este motivo, também se justificam ocasiões em que é mais interessante encerrar a transmissão, dar um intervalo e começar uma nova, com um título atualizado, o que pode atrair novos seguidores e permitir o compartilhamento separado de um conteúdo mais específico.

6.2.3.3 Imagem

A qualidade das imagens produzidas por um aparelho celular, por mais moderno que seja este, ainda será muito inferior à de uma câmera filmadora profissional utilizada por uma emissora de televisão. No entanto, o peso e o tamanho da segunda a torna menos prática que a primeira. Tratando-se de conteúdo para ser utilizado no jornalismo, vale mais uma imagem tremida e com menor resolução, porém exclusiva, do que uma imagem perfeita de algo nada relevante. Vale ressaltar que, apesar das imagens produzidas pelo celular serem inferiores tecnicamente das cenas captadas por cinegrafistas profissionais, deve-se procurar seguir os preceitos estéticos da fotografia aplicados por estes em seu trabalho. Da mesma forma, uma imagem também pode transmitir informação através de uma estética “mais tremida”, como é comum no caso de imagens captadas por um aparelho pequeno na mão, no entanto há maneiras de diminuir os impactos e deixar a transmissão mais fácil de se assistir, facilitando a compreensão da informação.

Uma das formas de se estabilizar a imagem do celular é sempre reajustar o foco manualmente quando o ajuste for necessário. O tempo que gasta para a câmera acertar o foco novamente onde o repórter precisa que esteja, uma vez que o foco se perdeu, ainda mais no meio da transmissão, gera borrões desagradáveis ao olhar. No iPhone, um simples toque na tela exatamente aonde se deseja focar e a lente se ajusta automaticamente.

Outro fator que auxiliou na estabilidade nas imagens durante as transmissões experimentais deste projeto foi a utilização do enquadramento vertical – menos comum

ao exercício do telejornalismo, porém muito popularizado entre os vídeos assistidos por celular –, o que possibilita ao repórter segurar o aparelho com uma só mão de maneira mais firme e facilita sua circulação no local. Esta opção estética, porém, não se deu exclusivamente por este motivo. Apesar de hoje o aplicativo já permitir as transmissões na horizontal, este enquadramento só foi possibilitado a partir de uma atualização que o aplicativo lançou em setembro, ou seja, menos de um mês antes do período de execução deste projeto experimental. Na ocasião, fiz testes com o enquadramento novo, na horizontal, porém verifiquei que, dado sua novidade, muitos usuários ainda não conseguiam visualizar as transmissões na direção correta, tanto dentro do aplicativo quanto pelo link na web. Para evitar problemas desta natureza, resolvi continuar com o projeto inicial e com o enquadramento que já havia sido testado por mim antes.

6.2.4 Canal 3dois1

Para executar a parte experimental deste projeto final em jornalismo, foi criado um canal de notícias que funciona em múltiplas plataformas, que produzisse conteúdo jornalístico apenas a partir de transmissões feitas por um aparelho celular, ao vivo, pelo aplicativo Periscope e replicadas em diferentes redes sociais.

Baseado nos conceitos apresentados no referencial teórico deste trabalho, o objetivo do canal não é entregar ao consumidor uma notícia pronta, fechada, como um produto único que vai informá-lo de tudo que ele precisa saber sobre o assunto. As transmissões do canal serão apenas mais uma parcela da informação, dentre múltiplas outras fontes disponíveis, e o próprio consumidor assume a função de “editar” essa informação no seu pensamento, formando a sua própria verdade sobre o assunto.

6.2.4.1 Criação

O nome do canal (@Canal3dois1) faz referência aos repórteres de telejornalismo, que costumam começar suas gravações de textos com a contagem regressiva: três, dois, um. Esta contagem também é muito utilizada em televisão para sinalizar a entrada ao vivo. Por esses motivos, entendi que “3dois1” é um nome que relaciona a instantaneidade da transmissão ao vivo com o telejornalismo tradicional. A opção pela grafia misturando numerais e letras foi para dar sonoridade à marca e evitar confusões de leitura que seriam possíveis no caso da utilização exclusiva de numerais. Como em “321”, que poderia ser lido como “trezentos e vinte e um”.

A logomarca utilizada nas fotos de perfil e de capa do canal nas redes sociais é minimalista. Foi escolhida uma fonte que remete à escrita em máquina de escrever sobreposto a um círculo preto que remete uma lente de câmera, representando a junção do jornalismo tradicional com a imersão audiovisual vivida na era da convergência midiática. A intenção da sobreposição da cor amarelo mostarda com o preto foi a de gerar destaque por contraste. A escolha por uma logo monocromática foi para facilitar a sua identificação visual pelo seguidor do canal.

6.2.4.2 Redes Sociais

Além do perfil na mídia social Periscope, foram criados para este projeto: um perfil no Twitter, uma página no Facebook e um canal no Youtube, todos com o mesmo domínio (@Canal3dois1). Todas essas páginas possuem ligações entre si e devem conter os links de todas as demais, principalmente para o Periscope – alicerce da produção do conteúdo e da interatividade com o canal. Cada rede social terá sua particularidade de cobertura e função diferente para difusão do conteúdo do canal. Após as transmissões ao vivo, o arquivo do replay poderá ser editado para reprodução e compartilhamento de apenas um trecho do vídeo. Uma mesma transmissão poderá dar origem a vários recortes menores, com compartilhamentos separados, sob títulos específicos para cada conteúdo reeditado.

O Twitter é a ferramenta de divulgação padrão das transmissões do Periscope, até mesmo por ser um aplicativo da mesma companhia. Por causa disso, também deve ser utilizado como mídia acessória na cobertura, postando-se mensagens ou fotografias, em tempo real, que atualizem a notícia entre uma transmissão e outra, por exemplo. Pode-se, em outras ocasiões, fazer postagens que anunciam e chamam o espectador para uma transmissão a ser realizada dali a alguns minutos. Nessa rede social, podem ser publicados trechos de até 30 segundos de uma transmissão já encerrada, contendo a declaração de uma autoridade ou um bate-boca no Congresso Nacional, por exemplo.

Por ser a rede social mais utilizada pelos brasileiros (SECOM, 2014), o Facebook tem a função de agregar mais seguidores ao canal. Com as facilidades de compartilhamento de conteúdo entre o Twitter e o Facebook, é possível programar para que as postagens de um perfil no primeiro sejam compartilhadas automaticamente no segundo. Porém, um conteúdo replicado no Facebook tem uma amplitude e uma longevidade maior. No Twitter, os posts dificilmente são recuperados por alguém que não os viu na sua *timeline* próximos ao momento em que foram postados. Já no

Facebook, o conteúdo fica em evidência por mais tempo na linha do tempo dos seguidores. No Facebook, o limite para upload suporta vídeos de até 20 minutos, o que o capacita a ser uma plataforma de republicação de trechos maiores de transmissões, inclusive as mesmas na íntegra.

Os vídeos das repetições na íntegra de todas as transmissões, gerados automaticamente pelo aplicativo do Periscope na memória do *smartphone* – os mesmos recortados para produzir novos conteúdos para as redes sociais –, devem ser disponibilizados no canal do YouTube. A mídia é própria para o armazenamento de arquivos de vídeo maiores a longo prazo, além de ser uma plataforma a mais no compartilhamento desse conteúdo, pois também funciona como uma rede social.

6.2.4.3 Definição de Pautas

Visto que a intenção deste projeto é propor um novo formato de produção audiovisual de conteúdo jornalístico a partir de uma plataforma diferente, e que esta plataforma possibilita entradas ao vivo, a prioridade será a cobertura de notícias factuais. Serão priorizados pelo canal as pautas de relevância política nacional e as que envolvam repercussões políticas de questões de direitos humanos ou políticas de comunicação no Brasil, pois já foi demonstrada a eficácia do *smartphone* na produção de conteúdo jornalístico diferenciado em pautas dessa natureza.

O *smartphone* se mostrou um aparelho ideal para registrar momentos instantâneos. Quando se fala da cobertura dos Poderes em Brasília, cabe lembrar que políticos são treinados para dar entrevistas e se posicionarem da melhor forma frente às câmeras. No entanto, o telefone celular consegue captar a persona política sem a “mise en scène” característica. (ARAÚJO, 2014, p. 57)

Sobretudo, o valor-notícia mais importante para a definição das pautas deste canal é a novidade e a instantaneidade com que a informação poderá chegar ao celular ou computador do espectador. Exemplos de pautas que se encaixam nesse tipo de cobertura: audiências, comissões, votações em plenário e demais reuniões no Congresso Nacional; seminários, reuniões ou coletivas do executivo ou do judiciário; demais encontros onde possam conceder entrevistas autoridades como parlamentares e ministros de estado; manifestações, passeatas e protestos políticos, entre outras. A preferência para a escolha das pautas será o valor-notícia factual. O foco será a cobertura em tempo real e *in loco*.

6.3 Execução

Os produtos experimentais deste projeto foram três coberturas do **Canal 3dois1** feitas em Brasília pelo aplicativo Periscope durante o mês de outubro de 2015. Apresento aqui relatos detalhados do processo de execução das oito transmissões feitas nos três dias, baseado em relatórios diários de produção feitos após as transmissões. Seis vídeos contendo transmissões na íntegra estão disponíveis em um canal do YouTube, no endereço <http://youtube.com/canal3dois1>. Apenas duas transmissões da amostragem analisada não estão disponíveis, pois falhas técnicas do equipamento impossibilitaram a gravação da transmissão, todos descritos na análise desta execução e corrigidos imediatamente.

6.3.1 Primeira cobertura

5/10/2015

Para coroar a estreia, surge uma pauta exclusivamente inesperada: mais de 200 índios, quilombolas e outros povos regionais que estavam em uma audiência pública na Câmara dos Deputados haviam decidido permanecer em vigília a noite toda no Congresso Nacional, em protesto contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215 (transfere para o Legislativo o poder sobre a demarcação de terras indígenas e, à época, estava pautada na comissão especial que acabou aprovando a PEC, em 27 de outubro) e a favor de medidas efetivas para combater as denúncias de violência sofridas por suas populações, trazidas àquela audiência pelos representantes dos povos tradicionais.

- AO VIVO no #Periscope: **Audiência na CCJ da Câmara com representantes indígenas**

Totalmente dentro do que é considerado, no jargão jornalístico, um *hardnews* político, e com possibilidades imensas de crescimento e repercussão nacional, a pauta era um acontecimento que prometia se arrastar noite adentro. A primeira entrada ao vivo foi apenas inicial, sem muita pré-apuração, mas relevante pelo momento em que aconteceu e pela exclusividade.

Nenhum outro canal mostrou o que o 3dois1 noticiou, ao vivo: a transmissão se iniciou no momento em que o deputado Paulo Pimenta (PT-RS), presidente da

Comissão de Direitos Humanos, tentava negociar a permanência dos índios, quilombolas e demais manifestantes que lotavam o auditório da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. A transmissão pega o fim da fala do deputado, propondo que eles ficassem onde estavam, que ele recomençaria a audiência pública, dando espaço para manifestações políticas ou culturais de todas as etnias presentes, até a manhã seguinte, quando o presidente da Casa, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) receberia um grupo de representantes dos povos tradicionais em seu gabinete para uma negociação. Essa proposta, claro, Pimenta iria levar ao próprio Eduardo Cunha, mas garantiu que a permanência e a segurança dos manifestantes na sala estava garantida. Seguindo a transmissão, fiz uma passagem explicando em poucas palavras o que estava acontecendo aos espectadores e deixei que as imagens falassem mais, pois os manifestantes formaram uma grande roda, com diâmetro das dimensões da sala, e passaram a entoar cantos e gritos de guerra enquanto dançavam ao ritmo de seus próprios chocalhos e outros instrumentos. Entrevistei um dos líderes do movimento, que explicou quais eram as principais reivindicações que os motivavam. Alguns indígenas começaram a fumar cachimbo, fazendo uma fumaça branca dentro da sala, e tudo isso pôde ser assistido em tempo real por mais de cinquenta pessoas nos próprios celulares ou, em menor quantidade, através do aplicativo para a *web* em um computador. Entre uma cobertura e outra as informações sobre os cortes de luz e energia foram atualizadas através de postagens na página do Canal 3dois1 no Twitter, onde também foi publicada fotografia mostrando a imprensa do lado de fora do Congresso Nacional.

A informação que chegava era a de que o presidente Eduardo Cunha havia negado a proposta do deputado Paulo Pimenta e, além disso, ordenado o desligamento da iluminação e da ventilação da sala. Policiais da tropa de choque se posicionaram nas saídas da sala de audiência e na entrada do prédio. A imprensa e todo mundo, exceto parlamentares, foram proibidos de adentrar o Congresso Nacional, que ficou trancado por correntes. Somente os jornalistas que já se encontravam nas dependências poderiam lá permanecer. Foi neste momento, em que me preparei para fazer uma nova entrada ao vivo.

- AO VIVO no #Periscope: **Índios viram a noite no Congresso Nacional. Cunha cortou a luz e fechou as portas**

A segunda transmissão começou com uma abertura do repórter, em formato *selfie*, relembrando os acontecimentos de mais cedo e dando as principais atualizações após a primeira transmissão. A abertura já chamou para uma entrevista exclusiva com o deputado Paulo Pimenta, que contou como foi a negociação com Eduardo Cunha e como ele pretendia prosseguir na defesa da segurança dos manifestantes. Em seguida, foi feita uma passagem mostrando a tropa de choque que estava posicionada na porta de entrada da sala da comissão em que os povos indígenas estavam cantando e dançando, totalmente no escuro, onde deixei o áudio ambiente preencher a transmissão por quase um minuto, até encerrá-la, com assinatura do canal (ver Figura 5, p. 60).

6.3.2 Segunda cobertura

7/10/2015

A segunda pauta do canal foi programada com antecedência. Experimentei, pela primeira vez, a cobertura ao vivo de um evento longo, dentro da linha editorial sugerida. O Congresso Brasileiro de Radiodifusão reuniria algumas personalidades políticas com algumas do mundo midiático. No evento, promovido pela Associação Brasileira das Empresas de Rádio e Televisão (Abert), foi quando pude testar melhor alguns dos métodos experimentados ao longo da fase de testes, como a alternância entre a cobertura ao vivo e uma entrada do repórter para sustentar a audiência até conseguir uma entrevista, por exemplo, configurando o que eu chamei de reportagem em plano-sequência. Um bom exemplo da aplicação desse método foi a primeira transmissão que realizei no dia.

- AO VIVO no #Periscope: Eduardo Cunha fala sobre a gestão das TV e Rádio Câmara no 27º Congresso da Abert

Iniciei a transmissão com o final da palestra do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que havia falado sobre políticas de comunicação no país, sobre o posicionamento editorial da comunicação institucional da Câmara e sobre a flexibilização da *Voz do Brasil*, mas eu buscava puxar a transmissão para o lado político, pois estava marcada para o mesmo dia a apreciação de vetos presidenciais importantes para o governo federal. No dia anterior, Cunha foi acusado pela mídia de articular uma manobra política para a derrubada dos vetos. Após terminar a palestra de

Eduardo Cunha, manteve a transmissão. Desloquei-me para fora do salão do evento acompanhando, com a câmera, o deslocamento do presidente da Câmara.

Troquei para a câmera frontal e mantive os espectadores conectados, informando-os sobre o evento, enquanto acompanhava a movimentação de Cunha com os seguranças. Atualizei os espectadores sobre as informações do dia anterior e sobre a pauta de votações no Congresso Nacional no mesmo dia, ambientando para um possível questionamento ao presidente da Câmara. Foi o tempo de fazer um resumo das movimentações políticas que antecederam àquele evento e uma previsão do que estava por vir, que Eduardo Cunha surgiu do elevador privativo e se encaminhou para a porta de saída, onde o aguardavam seu carro oficial e, mais a frente um pouco, eu – com o celular transmitindo ao vivo para todo o mundo. Anunciei ao espectador que o deputado se aproximava, troquei de câmera, fiz duas perguntas e obtive resposta às duas antes de mostrar Cunha entrando no carro, trocar de câmera novamente e encerrar a transmissão recuperando as informações que havia dado antes, assinando ao final (Figura 5, p. 60).

Além disso, esta foi uma das transmissões que foram editadas para a publicação, separadamente, de um trecho menor (com um minuto e cinco segundos de duração) no Facebook ou no Twitter (com até 20 segundos), englobando os questionamentos a Eduardo Cunha e o encerramento do repórter. Nessa publicação, o título já puxava pela declaração do deputado Eduardo Cunha, não pelo tema da sua palestra. O próprio texto do post já assumia um formato de nota, entregando ao leitor o que ele vai encontrar no vídeo. Da mesma maneira, um outro recorte do vídeo, com apenas dezoito segundos, foi feito para publicação no Twitter, onde ganhou um novo título, na mesma linha do que foi para o Facebook, porém reduzido para caber em 140 caracteres.

- AO VIVO no #Periscope: **Heraldo Pereira entrevista Ministro da Comunicação Social, Edinho Silva, sobre regulação da mídia**

Nesse mesmo dia, transmiti ao vivo a palestra do ministro da Secretaria de Comunicação Social, Edinho Silva, mediada pelo jornalista Heraldo Pereira, também pelo Congresso Brasileiro de Radiodifusão, promovido pela Abert. Neste formato, desabilitei os comentários, pois eu não poderia responde-los no meio da palestra, principalmente porque havia me posicionado na primeira fileira do auditório, para obter um enquadramento mais próximo e não depender de aproximação pelo zoom digital da câmera do iPhone, que diminui muito a qualidade da imagem.

Novamente, recortei um trecho e postei no Facebook, e outro ainda menor e compartilhei no Twitter. Esta foi uma das vezes em que utilizei o iPad como *gadget* acessório para edição e publicação, como descrito na parte metodológica desta memória de projeto, durante o intervalo entre uma transmissão e outra.

- AO VIVO no #Periscope: **Ministro da Comunicação Social dá coletiva após palestra em Brasília**

Após a palestra do ministro Edinho Silva, transmiti ao vivo, também, a sua entrevista coletiva no formato “quebra-queixo”, que ocorreu logo em seguida, na saída do salão de eventos. Neste formato, a ideia é passar a impressão de que o espectador é mais um dos jornalistas que estão em volta do entrevistado. Para isso, mantive uma distância um pouco maior e enquadrei alguns repórteres, suas mãos e microfones, bem como derivei a imagem um pouco para mostrar as câmeras e demais equipamentos das emissoras de TV.

- AO VIVO no #Periscope: **Michael Wolff fala sobre mídias sociais e televisão**

Exercitei o formato de entrevista exclusiva com o palestrante Michael Wolff, jornalista e especialista em mídias sociais. Como o entrevistado é norte-americano, a entrevista foi em inglês, mas creio não ter sido um obstáculo ao entendimento e interesse pelo conteúdo, uma vez que o vídeo alcançou a 412 pessoas (superior à média de todas as publicações), e obteve um compartilhamento no Facebook. Nesta transmissão, o entrevistado já estava pronto para me atender. Atuando como produtor, combinei com Wolff que ele aguardaria eu fazer uma abertura da transmissão, e logo depois eu direcionaria a câmera para ele.

A entrevista com Wolff foi toda com a câmera frontal. Variei o enquadramento ao longo da transmissão, mas sem trocar a câmera. Iniciei com o enquadramento no formato *selfie*, com o repórter ocupando quase todo o vídeo, dividi a tela entre o repórter e o entrevistado, depois foquei a câmera no entrevistado. No entanto, como utilizei a câmera frontal, pude enquadrá-la na diagonal da minha em relação a ele, o que fez com que as imagens o captassem de perfil – como em uma sonora própria do telejornalismo – enquanto ele conversava de frente com o repórter, que, fazendo as vezes de cinegrafista, podia olhar para o entrevistado e para o que estava sendo filmado ao mesmo tempo.

Ao final da transmissão, uma espectadora fez uma pergunta por comentário no Periscope. Emendei o final da última resposta do entrevistado com a pergunta do espectador, a qual foi devidamente respondida por Wolff, antes de a transmissão ser encerrada.

Como forma de exercitar novamente o formato de entrevista exclusiva e agregar valor ao canal com mais uma entrevista de prestígio internacional, também fiz uma transmissão com o palestrante Andrew Jeffries, do portal iHeart Media. Nela, utilizei a câmera principal no início, para mostrar um pouco dos bastidores antes da entrevista, e com a câmera frontal fiz a abertura e a entrevista propriamente dita. Neste formato entrevistei, ainda, o apresentador e comentarista Alexandre Garcia, da *TV Globo*. Essa entrevista teve um caráter metalinguístico, pois foi direcionada ao uso do *smartphone* no jornalismo. Preferi utilizar a câmera principal para enquadrar melhor o entrevistado, bem mais alto que o repórter/cinegrafista.

6.3.3 Terceira cobertura

31/10/2015

Seguindo a linha editorial do canal, realizei em um sábado a terceira cobertura experimental. A pauta era uma manifestação contra o projeto de Lei 5069/2013 que estava marcada para começar na Rodoviária do Plano Piloto. O protesto era em defesa dos direitos de mulheres vítimas de estupro, por exemplo. Segundo os manifestantes, o PL 5069/2013 feria os direitos das mulheres e protegia os estupradores, além de dificultar o acesso a métodos contraceptivos como a pílula do dia seguinte. Porém, o protesto acabou focado nas críticas ao deputado Eduardo Cunha, autor do projeto.

- AO VIVO no #Periscope: **Manifestação do movimento feminista contra Cunha e PL 5069/2013 na Rodoviária do Plano Piloto**

A primeira transmissão mostrou a movimentação dos organizadores, a concentração e os gritos de “Empurra o Cunha que ele caí”, dos que protestavam na plataforma inferior da rodoviária. Mostrei alguns cartazes e faixas, com dizeres como “A pílula fica. O Cunha sai”, por exemplo. Captei “sobe-sons” dos gritos entoados e realizei entrevistas com manifestantes. Nesta cobertura, a estratégia era deixar que as falas dos participantes ajudassem a compor a notícia. Uma das entrevistadas foi a estudante Mariana Taccolini. Ela afirmou que o PL 5069 criminaliza os métodos

contraceptivos e disse que as mulheres não vão aceitar retrocessos. Outras entrevistas parecidas foram pinçadas ao longo da transmissão, enquanto eu andava com a câmera por entre cartazes e manifestantes. Ao final, anunciei que haveria uma nova entrada ao vivo, com atualizações, e encerrei a transmissão com a assinatura do canal (Figura 6, p. 60).

A transmissão durou sete minutos e contou com maior participação pelos comentários. Alguns espectadores comentavam para perguntar o que estava acontecendo na rodoviária, outros queriam saber o que os manifestantes reivindicavam. Mas a maioria apenas mandava mensagens de apoio à manifestação ou contra o deputado Cunha.

- AO VIVO no #Periscope: **Manifestação de feministas contra Cunha segue na Rodoviária do Plano Piloto**

Cerca de 30 minutos depois da primeira, dei início à segunda transmissão do dia. As manifestantes (grande maioria de mulheres) se deslocavam para o outro lado da rodoviária. Os gritos de guerra estavam mais fortes. Mais pessoas haviam aderido ao protesto. De cima de uma escada, fiz imagens dos mais de 300 manifestantes que ocupavam a plataforma inferior. Em câmera frontal, recuperei as principais informações sobre a manifestação e o que tinha acontecido até o momento. Respondi a algumas perguntas feitas pelos comentários. Desci da escada, mostrando as faixas e cartazes, e fiz mais uma entrevista. A manifestante Ana Laura Queiroz reforçou a intenção pela saída do presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Foi feito o encerramento da segunda transmissão e da cobertura daquele dia.

Nesta experiência, enfrentei um novo obstáculo: os ruídos externos, muito altos. Como quis passar ao espectador a sensação de imersão completa no protesto, era necessário captar o som ambiente, o que é feito pelo microfone do celular com uma qualidade muito boa. Porém, o barulho tornava-se um empecilho na hora em que eu, como repórter, queria fazer uma passagem ou uma entrevista.

Por isso, nesta cobertura utilizei como acessório os fones de ouvido com microfone embutido, com função semelhante a de um microfone de lapela. Nos momentos em que era necessário captar pelo microfone de lapela, eu conectava os fones de ouvido no aparelho.

Com os fones no ouvido, narrava-se os fatos e recuperava as informações aos espectadores enquanto mostrava imagens da manifestação pela câmera principal ou no formato de passagem, com a câmera frontal, no formato *selfie*. Dessa maneira, a distância entre a minha boca e o microfone ficou adequada para a captação do áudio. Mesmo em um local tumultuado, como uma manifestação em local coberto, pôde-se ouvir claramente e em bom volume a minha voz. Os fones no ouvido ainda garantiam um retorno do áudio que estava sendo transmitido, possibilitando que eu me reposicionasse, interrompesse ou retomasse uma narração, de acordo com os gritos e cantos que estavam sendo captados pelo microfone.



Figura 5: Trechos de transmissões do Canal 3dois1: à esquerda, o repórter conversa com o deputado Paulo Pimenta e mostra a tropa de choque na porta da comissão; à direita, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e o repórter, com o carro de Cunha saindo ao fundo.



Figura 6: Trechos da terceira cobertura do Canal 3dois1, mostrando o repórter utilizando o microfone e os fones de ouvido e prestes a entrevistar a estudante Mariana Taccolini.

6.3.4 Análise e avaliação

Como o Periscope não registra os dados específicos dos espectadores, não foi possível fazer uma análise quantitativa de alcance e visualização em todas as transmissões. No entanto, proponho aqui uma análise qualitativa do produto final obtido e, principalmente, uma avaliação do seu processo de execução. Nesse sentido, penso que as transmissões experimentais descritas nesta memória de projeto alcançaram êxito no objetivo de informar instantaneamente, possibilitando interatividade e compartilhamento. Além disso, o conteúdo do que foi transmitido também deve ser destacado.

Situações em que determinadas emissoras de televisão não conseguem produzir uma determinada imagem (que outras conseguiram fazer) acontecem corriqueiramente. Exemplo disso foi o primeiro dia de cobertura experimental do **Canal 3dois1**, quando muitas equipes de emissoras chegaram à sala da comissão (onde se encontravam em vigília mais de 200 representantes de povos tradicionais do país) muito depois da maior parte da cantoria e das danças já ter acabado. Quando alguns veículos da imprensa tradicional começavam a captar imagens da manifestação dos indígenas (como a equipe da *Globo*), o **Canal 3dois1** já havia noticiado, com imagens e áudio do local, o que estava acontecendo – e replicado em duas redes sociais (Facebook e Twitter). Enquanto as equipes de televisão apuravam o que havia ocorrido – para depois gravar imagens, as quais teriam que sair fisicamente do local, chegarem a uma ilha de edição na emissora, serem editadas para que entrassem em algum telejornal, horas depois –, já havia atualizações para “suítar” a primeira matéria do canal em uma segunda transmissão.

Esta experiência demonstra que as novas tecnologias podem (e devem), cada vez mais, auxiliar na produção do conhecimento, incluindo o conteúdo jornalístico. Algumas particularidades da cobertura experimental ao vivo com um *smartphone* devem, no entanto, ser exemplificadas e analisadas.

Logo na estreia do canal, foi cometido um erro primário: o celular ficou sem bateria, e não havia sequer energia elétrica no local para recarregá-lo. Acabou que o erro – parte do processo de pioneirismo e do aprendizado – não foi prejudicial. A recarga foi feita eventualmente – em um local afastado e com energia -, a tempo de realizar mais uma transmissão. Também não foi um erro do qual estão livres as grandes empresas de comunicação, com seus equipamentos sofisticados, mas que vez ou outra

também ficam sem carga, sobretudo depois de longas horas de uso contínuo. Como aprendizado, ficaram as lições de sempre sair para uma pauta com a bateria carregada ao máximo e munido de carregador. Uma bateria reserva também pode ser muito útil.

A primeira transmissão não obteve muita replicação nem teve o replay salvo, também por inexperiência. Inicialmente, não havia sido encontrada outra maneira de salvar um backup da transmissão sem ser diretamente no aparelho, o que estava suscetível a problemas de funcionamento momentâneo do celular. A solução foi encontrada através de um site que captura e armazena automaticamente todas as transmissões feitas pelo canal do Periscope, conforme descrito na parte metodológica dessa memória.

Após a primeira entrada ao vivo, logo ficou claro o que havia funcionado melhor durante a transmissão e o que não havia ficado bom. Logo começou a fase de pós-produção (edição e replicação do conteúdo da transmissão em outras plataformas, fora o Periscope). A segunda transmissão do período experimental obteve dois compartilhamentos e alcançou 198 pessoas no Facebook, além das mais de 60 visualizações diretamente pelo Periscope.

A primeira transmissão do segundo dia de experimentação do **Canal 3dois1** durou nove minutos e 21 segundos, obteve um compartilhamento e alcançou 126 pessoas pelo Facebook, além dos cerca de 70 espectadores que acompanharam ao vivo pelo Periscope, fora os que assistiram ao replay – número preciso final não disponibilizado pelo aplicativo. Já a publicação de um trecho menor da primeira transmissão do segundo dia no Facebook alcançou 1.086 pessoas, além de obter um compartilhamento.

A segunda transmissão do segundo dia foi compartilhada por duas pessoas e alcançou a outras 123 no Facebook. A partir da gravação na íntegra da palestra, foi recortado apenas o trecho de uma pergunta e uma resposta do ministro e postei no Facebook, obtendo um compartilhamento e alcançando mais 229 pessoas.

Nesse segundo dia de produção experimental, foi mais de uma vez necessário conectar o iPhone à tomada para garantir a sua carga para mais uma transmissão, tempo que pôde ser utilizado para compartilhamento, edição e republicação do conteúdo transmitido anteriormente. O auxílio do iPad se mostrou muito importante para ganhar agilidade na reprodução. Não foram poucas vezes em que uma mão segurava o iPhone,

que transmitia pelo Periscope, enquanto a outra editava e compartilhava o conteúdo no iPad. Porém, é algo perfeitamente executável para um repórter que se propõe a desenvolver tal tipo de cobertura.

Com o segundo dia de experimentação do **Canal 3dois1**, foi possível aplicar os formatos de matéria em plano-sequência, de entrevista exclusiva, de transmissão de trecho e de íntegra de evento. Todos os formatos foram executados com sucesso, tendo sido resolvidos os problemas que surgiram durante a experimentação, mostrando a eficácia do método sugerido.

No terceiro dia de cobertura experimental, o microfone de lapela embutido nos fones de ouvido foi fundamental para a execução das entrevistas. Entretanto, a primeira entrevistada colocou o fone de ouvido nela mesma e segurou o microfone perto da boca, captando o áudio em um volume muito alto. O problema foi corrigido assim que percebido. Nas entrevistas subsequentes da mesma transmissão o microfone de lapela foi utilizado da forma como descrito no parágrafo anterior, obtendo-se sucesso na captação dos áudios tanto do repórter quanto das pessoas entrevistadas, com volume adequado e qualidade satisfatória. O resultado final da cobertura do dia foram duas transmissões não muito longas, mas que passaram a sensação de imersão no ambiente da manifestação aos espectadores.

7. Conclusões

Finalizado o período de pesquisa, execução e análise do produto experimental, é possível concluir que os objetivos deste projeto foram atingidos. Foi mostrado, com o produto aqui apresentado, que é possível realizar a cobertura de pautas (principalmente factuais) de grande interesse público e em tempo real, em que todo o conteúdo é produzido com um aparelho *smartphone*, por um único jornalista – o qual assume, para isso, as funções de cinegrafista, produtor, repórter e editor.

As pautas propostas foram transmitidas, ao vivo, diretamente do local, com as informações mais atualizadas disponíveis no momento, via *streaming* de vídeo por um aparelho celular, chegando a pessoas de diversos pontos do país e do planeta. Esta experiência também mostrou como o uso tradicional e já solidificado das mídias sociais pelo jornalismo serve de base para este novo tipo de cobertura que está sendo proposto, evidenciando que o conteúdo deve ser pensado e repensado de acordo com a mídia social em que será replicado, propiciando, assim, sua maior “propagabilidade” entre os meios (JENKINS, 2014).

Não só o processo de execução – idealizado e proposto a ser realizado inteiramente a partir de um *smartphone* – mas grande parte do projeto experimental (pesquisas, leituras, entrevistas, anotações e edições) executada pelo mesmo aparelho iPhone 5C. A “nuvem” também foi utilizada para o armazenamento seguro de arquivos como replays, vídeos editados e as fotos para os perfis do canal. Essa multiplicidade de funções a partir de um mesmo dispositivo eletrônico também representa a facilitação do acesso a conteúdos diferenciados a um maior número de pessoas.

Assim, concluo que as experiências feitas demonstraram – resumidamente, mas de forma diversificada – algumas maneiras eficazes de se trabalhar a notícia instantaneamente a partir de um *smartphone*. Concluo, também, que tanto o produto do experimento quanto o resultado da pesquisa sobre o tema comprovam o que foi descrito há mais de seis anos por Henry Jenkins sobre a convergência midiática digital.

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação. (JENKINS, 2009, p. 44)

A partir disso, proponho que o Periscope (e demais aplicativos de *streaming* de vídeo que já existam ou venham a existir) continue sendo utilizado para experiências em meio ao fazer jornalístico, incorporando-o de diversas formas nas mídias tradicionais e pensando novos conteúdos produzidos a partir dele.

8. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Gabriel. **O uso do telefone celular incorporado ao fazer telejornalístico**. Universidade de Brasília, 2014.

BAITELLO Jr., Norval. **O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária**. In: FAUSTO Neto, Antônio et al. (Org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELLUCCI, Bianca. **Aplicativo de transmissões ao vivo tem o objetivo de levar o usuário para qualquer lugar do mundo pela tela do celular**. Revista W, n. 181, pp. 30-41, ago. 2015.

BILD. **Flucht aus der Hölle Syriens: Durch Europa mit Flüchtling Feras**. YouTube, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k7Fye0AaHIU> Acesso em: 20 nov. 2015.

BLUMHOUSE. *Fifteen*. [Filme-vídeo]. Periscope, 20 min., 29 out. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3vE0xkyl0g> Acesso em: 30 out. 2015.

BUISINE, Remy. **EN DIRECT sur #Periscope : Attentat #Paris**. Twitter, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://twitter.com/RemyBuisine/status/665279474506850304> Acesso em: 13 nov. 2015.

CAZENOVES, Benjamin. **Je suis encore au Bataclan**, Facebook, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/benjamin.cazenoves/posts/10153035449936652?pnref=story> Acesso em: 13 nov. 2015.

COELHO, Mishelly. Entrevista ao autor via WhatsApp. 15 nov. 2015, Brasília.

D'ANDRÉA, Carlos. **Editando a violência**: as produções “amadoras” de quatro webTVs jornalísticas sobre as manifestações de junho de 2013. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. Disponível em:

<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/viewFile/2746/538> Acesso em: 10 nov. 2015.

EL PAÍS. **O que já se sabe sobre os atentados terroristas em Paris**. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/14/internacional/1447460657_465745.html Acesso em: 20 nov. 2015.

ESTADO DE MINAS. **Facebook cria filtros para apoio às vítimas de ataques na França**. 15 nov. 2015. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/11/15/interna_tecnologia,708208/facebook-cria-filtros-para-apoio-as-vitimas-de-ataques-na-franca.shtml Acesso em: 20 nov. 2015.

FÉLIX, Lucas. **Repórter da Globo News em Paris estava em estádio no momento de explosão**. *Na telinha*, 14 nov. 2015. Disponível em: <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2015/11/14/reporter-da-globo-news-em-paris-estava-em-estadio-no-momento-de-explosao-94182.php> Acesso em: 20 nov. 2015.

GUIMARÃES, Lara Linhalis. **Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação: de que modo a mídia NINJA atualiza a prática e o imaginário jornalísticos?**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11., 2013, Brasília. *Anais*.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2ª Ed, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LARA, Glauciene. **Senadores se emocionam no velório de Luiz Henrique em SC**. *TV Senado*, 12 mai. 2015. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2015/05/senadores-se-emocionam-no-velorio-de-luiz-henrique-em-sc> Acesso: 12 nov. 2015.

LE MOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**. In: Comunicação, mídia e consumo, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2008.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2011.

PERISCOPE. **Periscope, by the Numbers**. *Medium*, 12 ago. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@periscope/periscope-by-the-numbers-6b23dc6a1704#.4bn7wsgre>
Acesso em: 20 nov. 2015.

RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo: o diálogo entre televisão e web a partir do telejornalismo no Brasil**. In: Confibercom, 2011.

ROUSSEFF, Dilma. **Sentindo-se pesarosa**, *Facebook*, 13 nov. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/SiteDilmaRousseff/posts/1017967694923488> Acesso em: 13 nov. 2015.

SECOM, Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

SILVA, Maurílio. **O Twitter dentro do Universo da Cibercultura: Uma Abordagem Teórica da Ferramenta**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 12., 2010, Goiânia. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>
Acesso em: 20 nov. 2015.

SBT BRASÍLIA. **Postagens na página de fãs**. *Facebook*. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/sbt.brasilia/> Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, Zileide. **Manifestantes de dois protestos diferentes se enfrentam em Brasília**. *Jornal Nacional*, 18 nov. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/manifestantes-de-dois-protestos-diferentes-se-enfrentam-em-brasilia.html> Acesso em: 20 nov. 2015.

STYCER, Mauricio. **“Jornal Nacional” muda para reforçar a aposta na informalidade**. *Uol*. 27 abr. 2015. Disponível em: <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2015/04/27/jornal-nacional-muda-para-reforcar-a-aposta-na-informalidade/> Acesso em: 10 nov. 2015.

UOL. **Facebook faz alerta de segurança para quem estava em Paris durante atentado**. 13 nov. 2015. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/11/13/facebook-faz-alerta-de-seguranca-para-quem-estava-em-paris-durante-atentado.htm> Acesso em: 20 nov. 2015.

VIEIRA, José Carlos. **Entrevista ao autor via Facebook Messenger**. 18 nov. 2015, Brasília.

VIVAQUA, Arthur. **Investindo nas redes sociais, “Jornal Nacional” posta vídeos descontraídos de William Bonner**. *Portal IG*. 22 dez. 2014. Disponível em: <http://rd1.ig.com.br/investindo-nas-redes-sociais-jornal-nacional-posta-videos-descontraidos-de-william-bonner/> Acesso em: 20 nov. 2015.